

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
HUMANAS
CURSO DE LETRAS

Estela Mettler Piva

ESTUDO E ANÁLISE ENUNCIATIVA DE FORMAS
LINGUÍSTICAS EM DIFERENTES LÍNGUAS

Passo Fundo

2019

Estela Mettler Piva

ESTUDO E ANÁLISE ENUNCIATIVA DE FORMAS LINGUÍSTICAS EM DIFERENTES LÍNGUAS

Monografia apresentada ao curso de Letras,
Português-Inglês e Respectivas Literaturas, do
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da
Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial
para a obtenção do grau de Licenciado em Letras, sob
a orientação da Professora Dra. Claudia Stumpf
Toldo Oudeste.

Passo Fundo

2019

Estela Mettler Piva

Estudo e análise enunciativa de formas linguísticas em diferentes línguas

Monografia apresentada ao curso de Letras, Português-Inglês e Respectivas Literaturas, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Letras, sob a orientação da Professora Dra. Claudia Stumpf Toldo Oudeste.

Aprovada em ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Claudia Stumpf Toldo Oudeste – UPF

Prof. Dra. Marlete Sandra Diedrich – UPF

À Fundação Universidade de Passo Fundo pela concessão de uma bolsa no Programa de Iniciação Científica (PIBIC-UPF), que me fez ter mais oportunidades de conhecer as teorias linguísticas bem como participar de eventos que ampliaram meus conhecimentos e facilitaram a dissertação do presente trabalho. Também agradeço pela existência do Programa Universidade para Todos (ProUni), bem como a instituição acima referida, pela concessão de uma bolsa de 50%, o que, sem dúvidas, permitiu que eu chegasse até aqui.

À Professora Dra. Claudia Stumpf Toldo Oudeste, minha orientadora, por toda ajuda e atenção prestadas até aqui. Espero ter ainda muitas oportunidades de trabalhar contigo, cada minuto ao seu lado é de grandes aprendizados. Faltam-me palavras para dizer obrigada por tudo! És, sem dúvida, uma grande inspiração para mim!

À Professora Dra. Marlete Sandra Diedrich, pelo aceite do convite a ser minha banca e por ter me apresentado a Linguística lá no primeiro nível da faculdade, em 2017 (nunca esquecerei do choque que tomei ao aprender que signo não é só o astrológico). Foi você a primeira responsável por eu me apaixonar pela Linguística, influenciando, sem dúvidas, neste trabalho. És uma excelente professora e um exemplo para minha vida profissional!

Às professoras Giseli, Lilian e Bruna, e a amiga Monica Viler, por me auxiliarem quando precisei de ajuda com as palavras das línguas estrangeiras que eu não dominava. Meu mais sincero muito obrigada!

À minha família, meu namorado, e pessoas que têm contato comigo diariamente, agradeço a paciência de me ouvir reclamando, chorando ou só falando dessa “tal monografia” há um tempo. Também agradeço por entenderem minha ausência sempre que foi necessário. Obrigada por todo o apoio!

RESUMO

O objetivo desse trabalho é, pela perspectiva da Linguística da Enunciação, observar a construção do sentido de formas linguísticas em seus empregos em diferentes línguas e analisar os modos semiótico e semântico de tais termos, a partir dos estudos de Saussure e Benveniste, bem como estudos de alguns de seus leitores. Para isso, faremos uma análise baseada em alguns termos linguísticos das línguas inglesa, espanhola e italiana e mostraremos, através dos estudos dos níveis de significação da língua, que é impossível traduzirmos o domínio semiótico da língua, sendo possível, por outro lado, uma “tradução” do domínio semântico, quando tomamos a língua em uso. Pretendemos, com esse trabalho, mostrar aos professores de línguas, especialmente os não formados em Letras, que um termo de uma língua não “é” e não “significa” outro termo, em outra língua. Portanto, o ponto chave deste trabalho é fazer com que o leitor entenda que cada língua possui seus signos, com seus valores, e que estes são únicos e impossíveis de serem utilizados igualmente em outras realidades linguísticas. A questão central está na significação do signo/forma linguística que, quando em uso, constrói diferentes sentidos, possibilitando e (im)possibilitando sua “tradução”.

Palavras-chave: Linguística da Enunciação; signo; semiótico; semântico.

ABSTRACT

The objective of this paper is, from the perspective of the Linguistics of Enunciation, to observe the construction of the meaning of linguistic forms in their use in different languages and to analyze the semiotic and semantic modes of such terms, based on the studies by Saussure and Benveniste, as well as studies by some of their readers. For this, we will make an analysis based on some linguistic terms of the English, Spanish and Italian languages and show, through the study of the levels of meaning of the language, that it is impossible to translate the semiotic domain of the language, being possible, on the other hand, a “translation” of the semantic domain when we take the language in use. We intend, with this work, to show to language teachers, especially those not majored in Portuguese, that a term in one language “is not” and does not “mean” a term in another language. Therefore, the key point of this paper is to help the reader to understand that each language has its signs, with their values, and that they are unique and impossible to be used equally in other linguistic realities. The central issue lies in the meaning of the sign/linguistic form that, when in use, builds different meanings, enabling and (dis)abling its “translation”.

Keywords: Linguistics of Enunciation; sign; semiotic; semantic.

SUMÁRIO

1) INTRODUÇÃO	8
2) O SIGNO LINGUÍSTICO: UM INÍCIO	10
2.1) O signo linguístico na perspectiva de Ferdinand de Saussure.....	10
2.1.1) Objeto de estudo da linguística	11
2.1.2) O signo linguístico: unidade de duas faces	12
2.1.3) Arbitrariedade do signo linguístico: uma relação intrínseca	15
2.1.4) Valor linguístico: uma relação entre signos	16
2.1.5) As relações associativas e sintagmáticas: duas esferas distintas	17
2.2) O signo linguístico na perspectiva de (alguns) leitores	19
2.2.1) O início das críticas formais ao CLG: Godel e Engler.....	21
2.2.2) O objeto de estudo da linguística é mesmo a língua?	22
2.2.3) Signo linguístico, sua arbitrariedade e seu valor	22
3) O SIGNO E A LINGUÍSTICA PARA ÉMILE BENVENISTE	26
3.1) A natureza do signo linguístico	28
3.2) Os níveis da análise linguística.....	30
3.3) A forma e o sentido na linguagem	35
3.3.1) A forma e o sentido a partir do modo semiótico	36
3.3.2) A forma e o sentido a partir do modo semântico	37
3.3.3) As diferenças entre os modos semiótico e semântico	38
4) ANÁLISE DE PALAVRAS EM DIFERENTES LÍNGUAS QUE POSSUEM DIFERENTES SENTIDOS QUANDO TRADUZIDAS	42
4.1) Língua Inglesa	42
4.2) Língua Espanhola.....	45
4.3) Língua Italiana	47
5) CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
6) REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51

1) INTRODUÇÃO

Este trabalho se insere na linha teórica relativa aos estudos da linguagem, especialmente no que se convencionou chamar Teoria Enunciativa, do linguista Émile Benveniste, que propõe um modo de ver a linguagem numa perspectiva da linguística enunciativa.

Tendo como título “Estudo e análise enunciativa de formas linguísticas em diferentes línguas”, nosso trabalho possui as seguintes questões iniciais e norteadoras: a) Qual é o domínio linguístico que mobilizamos quando traduzimos um termo de uma língua para outra? b) Podemos traduzir o domínio semiótico das palavras de uma língua para outra? c) Existe, de fato, o que chamamos de “tradução literal”?

Muito se ouve, entre os professores de línguas, frases como “*miss* é saudade” “*highlighter* significa marca texto”, entre outras. Mas, será que podemos falar com tanta certeza que um termo de uma língua corresponde exatamente a outro termo em uma outra língua? Isso nos parece um tanto quanto superficial e resumidor demais. Além do mais, sabemos que a palavra “significar” tem outro valor ao estudarmos linguística e pressupõe-se que todo professor de línguas, em algum momento de sua vida profissional tenha visto a língua fora do senso comum.

Neste trabalho, pretendemos questionar, através dos estudos de Saussure e Benveniste o emprego das formas da língua quando em uso, a saber: podemos traduzir o sentido que uma palavra possui em determinada língua para uma outra? Qual é o modo linguístico que mobilizamos quando traduzimos? O que se traduz quando se traduz termos de uma língua para outra? Portanto, este trabalho diz respeito ao emprego dos termos na(s) língua(s) em uso. Para isso, traremos o embasamento teórico em linguistas já citados e faremos uma análise baseada em alguns termos linguísticos das línguas: inglesa, espanhola e italiana.

Justifica-se a escolha deste tema em razão da necessidade de estudar teorias linguísticas e torná-las acessíveis a professores de línguas e comunidade em geral, para que assim, não se cometam mais equívocos em dizer que uma palavra corresponde exatamente a outra em diferentes línguas. Este trabalho apresenta relevância social, já que irá mostrar, principalmente para os educadores não formados em Letras, o que é tradução, de uma maneira clara e objetiva, embasada em teorias analisadas na prática. Tendo em vista a importância deste estudo para docentes de diferentes idiomas, pretendemos, ao final desta análise, compartilhar nossos resultados com professores de línguas e estudiosos em geral, interessados por linguística e

tradução, aqui tomada de uma forma muito simples e elementar: a “tradução” de um termo de uma língua para outra, observando sua maneira de ser língua.

O objetivo geral deste estudo, tomando como base a questão de observar as maneiras de ser da língua, é observar formas linguísticas em seus empregos em diferentes línguas e analisar os modos semiótico e semântico de tais termos, a partir dos estudos de Saussure e Benveniste. Quanto aos objetivos específicos, pretendemos: estudar e conhecer o que a linguística apresenta em seus estudos sobre signo, significado e significante; identificar, nas teorias linguísticas, quais são os níveis semiótico e semântico dos termos da língua em emprego; e analisar algumas palavras de diferentes línguas para (tentar) mostrar que não temos tradução semântica perfeita.

Esta pesquisa é considerada bibliográfica e analítica pois se utiliza de livros, artigos e publicações em revistas como fonte de consulta e realiza uma pesquisa quantitativa de termos em diferentes línguas para análise. Realizamos este estudo através de leituras e fichamentos de textos teóricos de linguistas renomados na área da linguística, bem como muito conhecidos por seus estudos na área da linguagem. A partir da teoria, propomos uma ilustração de termos de diferentes línguas, a fim de exemplificar assim, questões teóricas mostradas no trabalho. Em seguida, fizemos uma comparação entre esses termos linguísticos em mais de uma língua, para mostrar que isso acontece em todos os sistemas linguísticos, independentemente de seu idioma.

Depois de selecionados, conforme delimitação de nosso conhecimento, os termos que usamos, analisamos cada um com seu significado/sentido e comparamos com um sentido parecido/equivalente – visto que não temos o mesmo sentido na tradução – que esse termo possui em outras línguas, a partir do conhecimento teórico obtido através do estudo feito inicialmente. Por fim, discutimos as análises feitas e concluímos nosso estudo teórico analisado na prática com comparações entre os termos linguísticos de diferentes línguas (idiomas).

Assim, os estudos apresentados neste trabalho, em nossa perspectiva de pesquisa, trazem uma dimensão de estudo da língua em seu caráter mais significativo: o emprego das formas e o emprego da língua, observando seu comportamento enunciativo.

2) O SIGNO LINGUÍSTICO: UM INÍCIO

Este estudo faz parte de uma reflexão mais ampla, tomando a língua como sistema de signos que significa. O foco é fazermos um percurso, estabelecendo relação entre uma rede de conceitos que cheguem à construção do sentido, numa dimensão discursivo-enunciativa.

Apresentaremos, nesta seção, alguns conceitos básicos para entendermos a ciência linguística, expostos, inicialmente, no Curso de Linguística Geral, de 1916: signo (significado e significante), arbitrariedade, valor linguístico, língua. Ressaltamos, desde já, a importância que teve o CLG para formação da Linguística que conhecemos hoje, já que este foi o marco inicial dos estudos linguísticos do século XX, além de servir de base para todos os outros estudos na área.

Em seguida, como contraponto desses conceitos apresentados no Curso, traremos alguns conceitos que consideramos relevantes nos estudos de Simon Bouquet, linguista que faz algumas críticas à visão de língua apresentada por Charles Bally e Albert Sechehaye no *Cours de Linguistique Générale*, e apresenta o seu próprio ponto de vista a partir de estudos dos manuscritos de Ferdinand de Saussure. Traremos ainda alguns pontos que achamos relevantes nos estudos de Claudine Normand, linguista que concorda, em certa medida, com Simon Bouquet e suas críticas ao CLG, apesar de reconhecer sua importância para a disseminação da linguística moderna.

Iniciamos as reflexões, tomando inicialmente, os estudos do signo linguístico.

2.1) O signo linguístico na perspectiva de Ferdinand de Saussure

Antes de começarmos nossas considerações acerca dos estudos da Linguística da Enunciação, foco deste estudo, precisamos fazer uma breve introdução a alguns conceitos idealizados por Ferdinand de Saussure¹, que ficou conhecido como o pai da linguística moderna, após ter ministrado três cursos de Linguística Geral na Universidade de Genebra entre

¹ Saussure nasceu em Genebra em 26 de novembro de 1857, em uma família de origem francesa, que tinha entre seus membros geólogos, gramáticos e naturalistas. Desde criança esteve inserido em um ambiente de vasta cultura científica, e assim, aprendeu diversas línguas (latim, inglês, alemão e grego). Iniciou aos 18 anos sua carreira universitária nas áreas de química e física, porém, por influência de um amigo da família e filólogo acabou ingressando na Universidade Alemã de Leipzig e, posteriormente, estudou em Berlim e Paris. Após alguns anos, passou a integrar a Sociedade Linguística de Paris.

1907 e 1910. Destaca-se que três anos após sua morte (1913), em 1916, Charles Bally e Albert Sechehaye reuniram anotações pessoais e as de colegas e editaram o Curso de Linguística Geral (CLG) – *Cours de Linguistique Générale*, no original – que é conhecido como marco inicial da ciência linguística no século XX.

A partir do CLG, ficaram conhecidos termos como signo, significado, significante, valor linguístico, significação, além de suas clássicas dicotomias: língua e fala, significado e significante, sintagma e paradigma, diacronia e sincronia. Vale destacar que esta obra, traduzida para o português, chegou ao Brasil apenas no ano de 1970, o que nos mostra uma certa desvantagem brasileira nos estudos linguísticos, bem como a centralidade da França nesta área, uma vez que a maioria dos autores e suas obras são, originalmente, francesas. Tendo em vista, então, a ordem temporal de chegada e tradução das obras linguísticas, traremos agora conceitos que mudaram os rumos teóricos da Linguística Comparada e apresentaram novas perspectivas de estudos para a então Linguística Contemporânea. Iniciemos com seu objeto.

2.1.1) Objeto de estudo da linguística

Começaremos pelo objeto de estudo da linguística, pois, se esta é uma ciência, sabemos previamente que ela se dedica a estudar algo. O próprio CLG, que nos apresentou seu objeto, nos explica que é difícil definir “em tempo integral e concreto” (CLG, 2012, p. 15) o objeto de estudo da linguística, entretanto, o Curso apresenta-nos a língua, foco do estudo desta ciência.

O Curso de Linguística Geral explica que a língua, mesmo sendo impossível de ser concebida sem a linguagem, não é a mesma coisa que ela, uma vez que a linguagem pode ser considerada um fenômeno psíquico, fisiológico ou físico, pertencente tanto ao individual quanto ao social, enquanto a língua é apenas uma parte dessa faculdade, mesmo que, sem dúvida, essencial a ela.

A língua é, segundo o Curso,

Um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. [...] A língua é [...] um todo por si e um princípio de classificação (CLG, 2012, p. 41).

O conceito de língua estudado por Saussure é o de língua enquanto sistema, oposta à linguagem. Para entendê-lo, temos de sair de nossos atos individuais (a nossa fala, particular a cada indivíduo) e abordá-la enquanto fato social resultado de uma convenção, que nada mais é

que um acordo estabelecido por determinada comunidade para que todos os indivíduos pertencentes a ela se comuniquem e se entendam. Ou seja, a língua, objeto de estudo da linguística, é vista como uma instituição social, comum a todos os falantes, homogênea, isolável, diferente da fala e parte psíquica da linguagem.

Se a língua, enquanto convenção social é partilhada por todos os falantes de uma comunidade, esses indivíduos se utilizam da língua como sendo uma forma para se comunicarem. Essa interação se dá por meio de signos linguísticos, compostos por um significado e um significante, que são, respectivamente, um conceito e uma imagem acústica. Explicaremos cada um desses conceitos adiante, usando como base, além do CLG, outros estudos realizados na área².

2.1.2) O signo linguístico: unidade de duas faces

Segundo o mestre genebrino, o signo linguístico é uma entidade linguística global, considerado tangível, pois pode ser registrado por meio da escrita e ser socialmente compartilhado, e psíquico, pois fica armazenado na mente de cada indivíduo. Um circuito se forma na mente de cada indivíduo que participa do processo de interação: o falante (eu) escolhe um signo a partir do conceito que quer expressar, assim precisa de uma imagem acústica para propagá-lo até o ouvinte (tu), que identifica o som e pensa no conceito para entender o que o “eu” quer dizer.

Por esse processo de escolha, identificação, propagação e entendimento ser feito em nosso cérebro é que o signo linguístico é um fenômeno psíquico, porém, esse processo ainda engloba uma parte fisiológica (fonação) e uma parte física (propagação sonora). Outra característica do signo linguístico, apontado por Saussure, é sua dupla natureza, ou seja, suas subdivisões em significado e significante ou, como tratado acima, conceito e imagem acústica. Em outras palavras, podemos dizer que um signo liga uma ideia a uma imagem representativa, e quem faz o signo existir, de fato, é o falante quando discursa ou se apropria da língua para enunciar, para se comunicar.

Destacamos que essa unidade de duas faces, o signo linguístico, tem lugar privilegiado nos estudos do Curso, uma vez que é uma unidade que tem valor. Esse valor possibilita a

² Além de outros artigos estudados, demos um enfoque especial, nesta seção, em um trabalho de Aline Nardes dos Santos e Rove Luiza de Oliveira Chishman, conforme referência.

construção do sentido – na comunicação humana – uma vez que traz uma relação (arbitrária) entre suas faces o que, quando em uso, atualizam o sistema da língua. Passemos ao trabalho com cada uma das faces.

Os editores do CLG afirmam que significante é a impressão psíquica do som que fica em nossa mente quando falamos/pensamos em uma palavra e é definido por oposição a outros significantes. Podemos chamá-lo de imagem acústica, que, por sua vez, é “a representação natural da palavra enquanto fato de língua virtual, fora de toda realização pela fala.” (CLG, 2012, p. 106). Ou seja, podemos conversar com nós mesmos, recitar um poema mentalmente, lembrar de falas de filmes ou trechos de uma música, tudo isso sem se quer mexer nossos lábios, justamente por que a língua é um sistema virtual de signos e tudo que se relaciona a ela está em nosso cérebro, sendo assim, temos uma imagem sensorial do que resta do som das palavras, que é o nosso significante.

Cabe ressaltar que, mesmo que o signo acústico nos remeta ao signo som, o significante “é incorpóreo, constituído não por sua substância material, mas unicamente pelas diferenças que separam sua imagem acústica de todas as outras” (BRAIDA, PROCHNOW, BORTOLINI; 2013, p. 143), ou seja, o som não pertence a língua, já que não passa de simples matéria fônica.

Destaca-se também a linearidade do significante, já que seus elementos se desenvolvem no tempo e sua extensão é mensurável somente na dimensão linear. Temos, por exemplo, na oposição entre os significantes da língua e os significantes visuais, os significantes acústicos, que formam uma espécie de cadeia, uma vez que falamos e escrevemos sempre um signo após o outro, pois é impossível fisicamente pronunciarmos mais de um signo ao mesmo tempo, o que ressalta que o signo/significante é linear.

Os significantes podem ser visuais, como dito acima, pois a imagem acústica pode não ser exata e exclusivamente do som, uma vez que as pessoas surdas também têm significantes e significados, compreendendo assim os signos linguísticos sem ter a imagem do som que os compõem. Tomamos, aqui, a imagem acústica enquanto representação mental do signo:

O signo linguístico não une uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é um som material, coisa puramente física, mas a impressão (*empreinte*) psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegamos a chamá-la ‘material’, é somente nesse sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato (CLG, 2012, p. 106).

Se pensarmos em nossa condição, enquanto sujeitos falantes e ouvintes, também perceberemos que o significante não precisa, necessariamente, ser a imagem do som, afinal,

“sem movermos os lábios ou a língua, podemos falar conosco ou recitar mentalmente um poema” (CLG, 2012, p. 106). Além do mais, quando lemos uma palavra nova pela primeira vez, podemos não saber como pronunciá-la da maneira convencional.

Levando isso em consideração, dizemos que o significante se apresenta como em uma linha por apresentar seus elementos em ordem cronológica também linear, visto que não pensamos e nem falamos dois signos ao mesmo tempo. Isso nos mostra que a língua em uso tem um tempo que lhe é próprio. Isso é de sua natureza. Passemos ao significado.

De acordo com o linguista genebrino, significado, por outro lado, é o conceito, o fato da consciência. É ele que suscita ao cérebro um significante, uma maneira de se fazer entendível ao interlocutor. É a parte abstrata do signo, já que é particular de cada um e impossível de ser mostrado/compartilhado com alguém. Saussure, no CLG (2012, p. 107), nos traz como exemplo o signo árvore: cada indivíduo vai ter uma representação visual distinta de uma árvore qualquer em sua mente, e assim que ouvimos, falamos, lemos ou pensamos em uma árvore, essa imagem nos vem em mente (seja ela uma imagem de um coqueiro, uma árvore desenhada em um papel, com folhas verdes ou laranjas...); essa imagem que aparece em nosso cérebro quando ouvimos a palavra é o nosso significado, o nosso conceito particular de árvore. Essa representação visual está estreitamente ligada, como por um laço, à imagem sonora que temos do signo, ou seja, o significante.

Por essa relação ser tão próxima, podem acontecer confusões entre os dois lados do signo, mas Saussure deixa bem claro que:

Chamamos signo a combinação do conceito e da imagem acústica: mas, no uso corrente, esse termo designa geralmente a imagem acústica apenas, por exemplo uma palavra (*abror*, etc.). Esquece-se de que, se chamamos *arbor* signo, é somente porque exprime o conceito ‘árvore’, de tal maneira que a ideia da parte sensorial implica a do total (CLG, 2012, p. 107).

Por esse motivo de significado e significante estarem estreitamente conectados, é impossível separarmos os dois conceitos, afinal um existe por causa do outro, não existe conceito sem imagem acústica e nem imagem acústica sem um conceito. Porém, “a união que resulta num signo não é eterna, um significante não está colado a um significado, isso permite que uma língua se transforme, permite a variabilidade de sons e sentidos” (CUNHA, 2008, p. 4). Ou seja, os conceitos e as imagens acústicas podem variar de um signo para o outro de acordo com seu uso, por exemplo quando utilizamos uma palavra já existente na língua com um outro sentido, como: “fechou”, que é um verbo de ação de fechar alguma coisa, algum lugar, porém, na gíria dos adolescentes, se refere a solução de algum problema, ou um combinado

feito. Sempre teremos os dois conceitos presentes para a adaptação de signos já conhecidos ou para o surgimento de novos signos linguísticos.

A seguir, traremos uma questão que nos é cara nos estudos do signo linguístico: a arbitrariedade que marca a relação que une o significante e o significado.

2.1.3) Arbitrariedade do signo linguístico: uma relação intrínseca

Podemos perceber essa inseparabilidade do significado com o significante através da arbitrariedade do signo, outro conceito apresentado no Curso. Bally e Sechehaye (CLG, 2012, p. 108-109) nos mostraram que o laço que une o significante com o significado é arbitrário, ou seja, é imotivado, imposto por uma convenção, não tendo, assim, nenhum laço natural com a realidade.

Portanto, o conceito de um signo não tem relação direta com sua imagem acústica: a imagem que temos de mar em nossa cabeça, não depende do som “m-a-r” que usamos para reproduzir este signo, não tem relação natural com a realidade, eles apenas foram unidos por uma convenção social a fim de possibilitar a comunicação entre indivíduos de uma comunidade linguística. Destacamos que a arbitrariedade existe por causa da e na coletividade.

Apesar dessa afirmação de que o signo linguístico é arbitrário, o CLG nos explica, no capítulo VI, que existem dois tipos dessa arbitrariedade: uma absoluta, e outra, relativa. Isso quer dizer que alguns signos nos são, de fato, arbitrários, absolutamente impostos e referem-se ao imotivado de fato, sem relação lógica entre a forma e seu significado, sem razão para ser assim. Abrange somente uma parte de todos os signos e é mais lexicológico (parte da linguística que estuda o vocábulo quanto ao seu significado, constituição mórfica e variações flexionais, sua classificação formal ou semântica em relação a outros vocábulos da mesma língua). Citamos como exemplo os signos *vinte*, *dez* e *nove*, todos impostos por uma convenção, sem razão para tal imposição.

Por outro lado, alguns signos podem ser relativamente motivados, referem-se ao que não é sempre só motivado e nem só imotivado. Apenas uma parte dos signos é totalmente arbitrária, outras, reconhecem graus no arbitrário sem suprimi-lo. Este é mais gramatical que o primeiro. Como exemplos, temos o signo *dezenove*, que é uma junção de “dez” e “nove”, ou seja, têm uma relação de sentido entre eles que representa uma motivação relativa. Um signo é

relativamente motivado quando é possível de se estabelecer um motivo para essa relação acontecer.

Ao mesmo tempo, BALLY e SECHEHAYE (2012) citam que:

Além disso, mesmo nos casos favoráveis, a motivação nunca é absoluta. Não somente os elementos de um signo motivado são arbitrários, como também o valor do termo total jamais iguala a soma dos valores das partes (CLG, 2012, p. 181).

Isso significa que, quando dividimos/recortamos um signo nos outros que o compõem para analisarmos sua relação de oposição, não temos o mesmo valor linguístico do que quando analisamos os dois signos somados, na mesma palavra (*dez x nove* tem um peso diferente de *dez+nove*). Se “não existe língua em que nada seja motivado” (CLG, 2012, p. 182), então, os signos e suas variedades encontram-se entre os extremos de mínimo de organização e mínimo de arbitrariedade.

Em seguida, vamos apresentar outra questão importante, que é a de valor linguístico, tendo presente a língua em uso.

2.1.4) Valor linguístico: uma relação entre signos

Um outro conceito de grande relevância aos estudos da linguística abordado pelos estudos saussurianos é o de valor linguístico, que, ao contrário do signo, é relativo. O valor linguístico é um conjunto de diferenças, e é definido por sua oposição com os outros signos, afinal “um signo é o que o outro não é”, como todos dizemos comumente dos estudos realizados com o Curso. O valor provém da situação recíproca das peças na língua, pois importa menos o que existe de conceito e de matéria fônica num signo do que o que há ao seu redor.

As características do sistema da língua estão concentradas no valor, de modo que este sistema se organiza baseado em duas massas: a representação do fato linguístico em seu conjunto (o pensamento) e o som. O valor linguístico está estreitamente ligado com conceito de significação, mas é preciso deixar claro que o segundo se refere a um signo na sua relação interna (significante e significado); já o valor refere-se a um signo em oposição a outro signo, construindo assim o valor de cada um. É na oposição dos signos que o valor de cada um se constrói. Em outras palavras, trazemos uma citação do CLG que diz que:

O valor, tomado em seu aspecto conceitual, constitui, sem dúvida, um elemento da significação, e é difícil saber como esta se distingue dele, apesar de estar sob sua dependência. É necessário, contudo, esclarecer essa questão, sob pena de reduzir a língua a uma simples nomenclatura (CLG, 2012, p. 161).

O Curso compara a língua a uma folha de papel. Dessa forma, os dois lados da superfície são o pensamento (ideia-conceito) e o som (imagem acústica), e não se pode “cortar” um sem cortar o outro, ou seja, não podemos isolar o significado do significante. Os linguistas editores do CLG também deixam clara a complexidade da diferenciação entre significado e valor, uma vez que o conceito é contrário a imagem auditiva do interior do signo e, ao mesmo tempo, é contrário aos outros signos da língua.

A partir desta ideia de valor, ressaltamos que este resulta da presença simultânea de todos os outros termos linguísticos, ou seja, o valor não existe isolado em um termo, mas sim, na língua como um todo, “resulta somente da presença simultânea de outros” (CLG, 2012, p. 161). Temos uma exemplificação da relação entre a significação e o valor, quando a obra apresenta signos linguísticos em diferentes línguas, dessa forma, *sheep* (inglês) ou *mouton* (francês) equivaleriam ao significado de carneiro, porém, não tem o mesmo valor, já que nessas línguas existem termos diferentes para a carne dos animais, e em português usamos o mesmo termo tanto para o animal quanto para a carne. “O valor é visto, portanto, como um modo de mostrar que as línguas, justamente por não serem nomenclaturas, não possuem correspondentes exatos em termos de valor.” (SANTOS, CHISHMAN, 2015, p. 250). Por essa razão – de o valor ter de ser analisado dentro de um contexto no sistema linguístico – é que dizemos que ele possui uma dimensão semântica. Com isso, precisamos ver a organização discursiva da língua na combinação de seus eixos. Passemos a essas relações.

2.1.5) As relações associativas e sintagmáticas: duas esferas distintas

Por fim, abordamos as formas de nossa atividade mental indispensáveis para a vida da língua: o sintagma e o paradigma. Essas são as duas espécies de comparações dos conjuntos das diferenças fônicas e conceituais da língua. É através deste estudo que entenderemos melhor o funcionamento deste tesouro virtual depositado pela prática da fala no cérebro de cada indivíduo de uma mesma comunidade linguística: a língua.

Deixamos claro, inicialmente, que o termo discurso é tido como a língua em situação real de uso, em funcionamento. Então, enquanto o sintagma é analisado dentro do discurso, o paradigma é visto separado dele, fora da língua em uso.

O sintagma é composto por mais de uma unidade da língua em sequência, é a relação que existe entre as unidades da língua, que, por sua vez, se combinam (como um artigo e um substantivo). Um termo colocado no nível sintagmático só adquire seu valor na oposição com o termo que o antecede, procede, ou a ambos os termos, como já tratado no item anterior sobre o valor linguístico. Essa relação existe *in praesentia*, ou seja, em presença, em pelo menos dois termos da língua.

O paradigma, ou seja, as relações associativas, por outro lado, são agrupamentos de termos linguísticos em nossa memória virtual de signos, reunidos de maneiras diferentes em cada falante, dependendo de suas experiências de vida. Dentro desses grupos imperam diferentes relações que, no fundo, têm algo em comum entre si, mas são consideradas *in absentia*, ou seja, são concebidas apenas em nossa memória virtual, e não em nosso ato de colocar a língua em funcionamento, no tempo presente.

Vejamos uma metáfora trazida pelo CLG para entendermos melhor esses termos:

Desse duplo ponto de vista, uma unidade linguística é comparável a uma parte de um edifício, uma coluna, por exemplo; a coluna se acha, de um lado, numa certa relação com a arquitrave que a sustém; essa disposição de duas unidades igualmente presentes no espaço faz pensar na relação sintagmática; de outro lado, se a coluna é de ordem dórica, ela evoca a comparação mental com outras ordens (jônica, coríntia, etc), que são elementos não presentes no espaço: a relação é associativa (CLG, 2012, p. 172).

Em suma, temos: a relação sintagmática representa a combinação feita por oposição a outros significados e unidades da língua. É responsável pela linearidade do discurso, fazendo com que as palavras façam sentido quando faladas de tal forma ou em tal ordem. Sempre definimos uma unidade da língua em oposição à outra, por exemplo: sabemos que a palavra desfazer deve ser separada em *des - fazer* pois fizemos oposição com outras palavras como descoser, desgostar, desarmar etc. Portanto, as unidades da língua só adquirem seu significado em relação a oposição ao significado de outras unidades.

Já as relações associativas são grupos de palavras que separamos em nossa memória e que têm algo em comum (natureza linguística, gramatical, etc.), afinal, “uma palavra pode sempre evocar tudo quanto seja suscetível de ser-lhe associado de uma maneira ou de outra” (CLG, 2012, p. 175). Todos nós fazemos relações associativas o tempo inteiro em nosso cérebro

para de fato “falarmos”, colocarmos essas palavras no nosso discurso, obviamente que essas associações são feitas de maneira inconsciente. Vale destacar que esses grupos passam por mudanças e atualizações o tempo inteiro, conforme aprendemos palavras ou conceitos novos.

Na próxima seção, abordaremos estudos e algumas críticas do linguista Simon Bouquet, conforme anunciado no início deste capítulo. Trazemos a opinião de Bouquet, por ser um dos linguistas mais reconhecidos quando se trata da crítica à teoria abordada no Curso de Linguística Geral. Queremos deixar claro que, neste trabalho, não pretendemos tomar lado e muito menos classificar uma perspectiva teórica como “mais certa” e uma como “mais errada”, mas sim, pretendemos analisar diferentes pontos de vista, enriquecendo nossos estudos nesta vasta e rica ciência que é a Linguística, até porque uma não invalida em nada a outra, e o CLG continua sendo visto como referência nos estudos da Linguística Moderna.

2.2) O signo linguístico na perspectiva de (alguns) leitores

Os manuscritos de Ferdinand de Saussure têm sido material para inúmeros estudos, mesmo depois da publicação do Curso de Linguística Geral, que inclusive também virou fonte de estudo de outras obras críticas. Dentre esses trabalhos, destacamos, nesta seção, dois teóricos: Simon Bouquet e Claudine Normand. Esses dois autores têm visões diferentes da linguística apresentada no CLG e apresentam-nas em suas obras. Analisaremos, então, um pouco sobre cada teórico, trazendo seus pontos de vista sobre língua, o objeto de estudo da linguística e sobre o próprio Curso.

Primeiramente, gostaríamos de apresentar Simon Bouquet³, um linguista e filósofo que teve acesso aos manuscritos de Saussure, bem como a cartas e documentos de Antonie Meillet, Paul F. Regard e Albert Riedlinger, que foram alunos de Saussure nos cursos de linguística ministrados por ele na Universidade de Genebra.

No que tange ao CLG, Bouquet faz duas considerações: uma afirmando sua importância, uma vez que foi, de fato, a obra mais marcante desta ciência (a Linguística); e outra criticando

³ Simon Bouquet trabalha na Universidade de Berna, na Suíça, e desenvolve pesquisas pelo Departamento de Línguas e Literatura Românticas desta instituição. Sua obra mais conhecida é o livro *Introdução à leitura de Saussure*, que trouxe várias contribuições em relação ao estudo do pensamento do genebrino.

um decorrente impedimento das ideias originais de Saussure, que foram substituídas pelo ponto de vista dos editores do Curso e assim difundidas mundialmente.

Com seu texto “De um pseudo-Saussure aos textos Saussurianos originais”, descobrimos que os organizadores do Curso de Linguística Geral, Charles Bally e Albert Sechehaye, na verdade, “não assistiram as lições” (BOUQUET, 2009, p. 164) ministradas pelo mestre genebrino. Também afirmam esse fato, Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores, que garantem que:

Geralmente, se ouve dizer que foram os alunos de Saussure que o escreveram. Isso deve ser relativizado. Albert Sechehaye e Charles Bally não assistiram integralmente os cursos de Saussure e dizem isso no prefácio que fazem à obra “[...] obrigações profissionais nos haviam impedido quase completamente de nos aproveitarmos de seus [de Saussure] derradeiros ensinamentos [...]” (Bally; Sechehaye, Prefácio à primeira edição, p. 2). Disso decorre uma óbvia constatação: o livro foi organizado por pessoas que não ouviram as aulas do mestre e que se basearam tão-somente nas notas dos cadernos dos alunos de Saussure. A leitura que se faz do CLG deve levar esse dado em consideração (BARBISAN; FLORES, 2009, p. 8).

Por esse motivo, Simon Bouquet critica o curso e principalmente a sua autoria, que ficou mundialmente conhecida como sendo de Saussure, mas que, na verdade, foi de Bally e Sechehaye, sem autorização ou sequer consciência do linguista, que já havia falecido quando da publicação do texto. Bouquet também apresenta informações de que Meillet, Regard e Riedlinger, verdadeiros discípulos de Saussure, não eram coniventes com a publicação e nem com algumas ideias presentes no CLG. Regard apresenta sua opinião dizendo que “essas notas, por mais consistentes que sejam, não refletem o espírito de ensino de S., e desfiguram completamente seus pontos de vista” (REGARD, 1989; apud BOUQUET, 2009, p. 163), Meillet criticou a obra dizendo que é “o livro que o mestre não fizera, e que ele sem dúvida não teria jamais feito” (MEILLET, 1916; apud BOUQUET, 2009, p. 194), e Riedlinger, por sua vez, alegou que Bally “não tinha nem a sensibilidade filosófica, nem a envergadura de seu mestre” (RIEDLINGER, 1957; apud BOUQUET, 2009, p. 165).

A seguir, trazemos algumas críticas ao CLG bem como aos trabalhos de seus editores que têm o objetivo de ampliar a discussão da importância dos conceitos “ensinados” por Saussure nos Cursos ministrados e publicados no CLG pela ótica dos seus editores.

2.2.1) O início das críticas formais ao CLG: Godel e Engler

Percorrendo o texto de Bouquet, deparamo-nos com mais dois nomes conhecidos da ciência linguística: Robert Godel e Rudolf Engler, dois críticos que deram valiosas contribuições aos estudos linguísticos e que foram precursores no que tange às avaliações críticas ao Curso de Linguística Geral, por esse motivo, consideramos importante trazer um pouco sobre cada um para entendermos melhor os diferentes pensadores e estudiosos da linguística.

De acordo com o que estudamos até aqui, vimos que as críticas informais ao Curso de Linguística Geral iniciaram antes mesmo de sua publicação, com cartas e anotações de alunos de Saussure e colegas/amigos dos editores do CLG. Porém, as primeiras obras críticas formais aconteceram em: 1957, com o livro “Fontes Manuscritas do Curso de Linguística Geral”, de Godler; e em 1968 e 1974, com a edição crítica do CLG, defendida por Engler. Assim se dá início ao paradigma entre os textos originais e a obra publicada em 1916.

O trabalho de Godel identifica alguns textos originais de Ferdinand de Saussure, alguns até ignorados por Bally e Sechehaye, e traz à tona suas próprias interpretações da linguística saussuriana, ressaltando, assim, as cruciais diferenças entre os manuscritos originais e o texto publicado em 1916. “Além disso, Godel define curiosamente sua obra de 1957 como uma ‘exegese’ do Curso, e conclui seu prefácio com uma espécie de declaração de fidelidade ao primeiro paradigma” (BOUQUET, 2009, p. 166). Cabe-nos ressaltar que o sentido de exegese é de um comentário ou crítica que esclarece ou interpreta minuciosamente um texto, ou seja, Godel estaria afirmando que sua obra é necessária para a obtenção de uma plena interpretação do *Cours*.

Engler, por sua vez, com a publicação da edição crítica ao CLG, traz à tona fragmentos que estavam ausentes na obra original, como alguns trechos dos manuscritos de Saussure, não presentes no Curso.

Rudolf Engler foi um dos apoiadores, em 1998, do Instituto Ferdinand de Saussure e participante do programa “Arquivos Ferdinand de Saussure”. Isso mostra que outros autores, estudiosos da língua, trazem considerações importantes sobre como certos conceitos chegam à linguística contemporânea a partir da edição do Curso. Nossa intenção é mostrar que essas críticas acabam compondo o cenário dos estudos linguísticos dos últimos anos.

Dessa forma, a ênfase trazida por esses autores se dá na diferença de pontos de vista abordada nos estudos da semiologia e da linguística da fala. Aprofundaremos nossos estudos neste segundo conceito.

2.2.2) O objeto de estudo da linguística é mesmo a língua?

Neste momento, pretendemos voltar nossas reflexões para a pergunta, já enunciada no título: o objeto de estudo da linguística é mesmo a língua? Afinal: sabemos que a linguagem comporta duas faces: a da língua e a da fala; sabemos também que a primeira, é social e de estudo psíquico; e a segunda, é individual e psicofísica. Esses dois objetos estão estreitamente relacionados, de modo que um é necessário para a existência do outro. Isso quem nos apresenta são os editores do CLG, quando afirmam que o objeto de estudo da ciência Linguística propriamente dita é apenas a língua, diferenciada da fala, que poderia fazer parte de uma bifurcação desta ciência maior. Porém, lendo os textos originais de Saussure, não se encontra em lugar algum isso que dizem Bally e Sechehaye.

O que diz Saussure em seus manuscritos é que existe uma ciência chamada Linguística, que apresenta dois lados, ou seja, se trata de uma dupla natureza: a fala e a língua. Porém, as duas cisões fazem parte desta ciência maior, as duas são inseparáveis e necessárias para a compreensão do todo:

A linguística, eu ousar dizer, é vasta. Particularmente, ela comporta duas partes: uma que é mais próxima da língua, depósito passivo, outra que é mais próxima da fala, força ativa e verdadeira origem dos fenômenos que se percebe, em seguida, pouco a pouco, na outra metade da linguagem (ELG, p. 273; apud BOUQUET, 2009, p. 169).

Ou seja, Saussure menciona a dualidade que compõe esta ciência linguística, mas sem desvalorizar ou excluir nenhuma de suas perspectivas. Portanto, o objeto de estudo da ciência Linguística é a língua, considerando sua realização – a fala. Tomamos língua, aqui, como um sistema orgânico de signos, que combinados constroem discursos.

2.2.3) Signo linguístico, sua arbitrariedade e seu valor

Abordar o signo linguístico, uma unidade inseparável que serve de base para a comunicação humana, é tratar desta língua em discurso. Em seguida, traremos alguns pontos

sobre a arbitrariedade desse signo, e, por fim, trataremos do valor: termo que junta todos os conceitos já mencionados sobre o signo linguístico.

Saussure costumava utilizar o termo signo juntamente com o termo sentido, o que, depois, foram substituídos por significado e significante, respectivamente. Entendemos, com Bouquet, que, na verdade, essas faces não podem ser vistas separadas, como na metáfora da folha de papel, proposta no CLG. Há, entre seus alunos, um certo medo em definir uma palavra para explicar o signo sob o risco de designar apenas uma parte dele e não se fazer entender da maneira como o mestre fazia. Sendo assim, mesmo parecendo que temos a necessidade de dividir o signo em suas duas faces para entendê-lo, somente o compreenderemos quando pensarmos no signo linguístico como uma unidade inseparável.

No que tange à arbitrariedade, abordá-la-emos como a relação entre as duas faces do signo linguístico (significado e significante). Bouquet constata que o termo é apresentado dezesseis vezes no CLG e que “nem uma única dessas passagens deixa de trair a formulação original de Saussure” (BOUQUET, 2009, p. 170). Assim, o linguista explica que em nove dessas passagens os editores não estavam cientes, ainda, da ambiguidade observada por Saussure e ocorrida com o uso do termo signo: tanto como entidade bifacial quanto como significante, de face única, ou seja, há uma relação entre significado e significante, e outra que une os termos do sistema de uma língua.

Nas anotações dos estudantes temos a designação de signo unicamente como significado, não constando a tríplice signo/significado/significante, ou seja, a arbitrariedade do signo se faz presente apenas no ponto de vista do significante.

Quanto ao valor linguístico, se faz presente uma pluralidade: valor *in praesentia*, valor *in absentia* e valor sistêmico. A crítica quanto a esse conceito se dá pelo motivo de o Curso ter tomado como total apenas uma parte dele, apenas o valor *in absentia*, ou seja, em ausência. Nos textos originais, temos a designação de valor procedente em três diferentes âmbitos: interno, sistemático e sintagmatizado ao signo:

O valor de uma palavra não se dá senão com relação às outras unidades semelhantes. A relação e a diferença das palavras entre si se desenvolvem seguindo duas ordens, em duas esferas completamente distintas: cada uma destas esferas será geradora duma certa ordem de valor e mesmo a oposição que há entre as duas esferas torna mais clara cada uma delas (BOUQUET, 2009, p. 172).

Cabe destacar ainda que as relações sintagmáticas e associativas são as duas formas de organizar as palavras e, segundo Bouquet, reforçam a confusão feita por Bally e Sechehaye quanto ao valor *in praesentia* e *in absentia*.

Examinados, pelo menos minimamente, os estudos de Simon Bouquet, gostaríamos agora, em um segundo momento, de abordar a teoria da uma linguista, também francesa, chamada Claudine Normand⁴, que pode ser considerada um meio termo entre o Curso e a crítica de Bouquet. Passemos então a seu estudo.

O ponto de vista do signo linguístico defendido por Normand é histórico-crítico. A linguista concorda com Simon Bouquet quanto à legitimidade (no caso, da falta dela) do Curso de Linguística Geral, sendo assim, não podendo ser atribuída a autoria a Saussure. Ao mesmo tempo em que critica, a autora confessa que foi através do Curso que a Linguística ficou mundialmente conhecida e, somente assim, Saussure ficou reconhecido como referência nesta ciência.

No que tange aos princípios que predominam e norteiam o CLG, Normand destaca dois: o primeiro, referente à noção de signo enquanto associação de um significado com um significante; e o segundo, que diz respeito ao funcionamento da língua, que, por sua vez, se dá por oposição (“um signo é o que o outro não é”). Temos, aqui, a definição de língua como um sistema de valores, o que carece de uma explicação melhor.

O conceito de valor é tido para Normand como uma construção teórica indissociável da ideia de sistema. O valor está diretamente relacionado com todos os outros conceitos apresentados no Curso, fato que mostra sua relevância.

É com base no valor que a linguista aponta duas considerações importantes para a construção do sentido da língua: este objeto da Linguística é uma forma, e não uma substância, o que nos mostra que não há como observá-la diretamente; e um signo não é meramente a junção de um conceito com um som, portanto esses objetos não podem ser vistos como entidades.

A partir dessas considerações abordadas, percebemos a riqueza das contribuições de Claudine Normand para a Linguística. Mesmo defendendo um ponto de vista diferente do

⁴ Claudine Normand é, atualmente, uma das autoras mais instigantes da linguística francesa. É professora de Linguística da Universidade de Paris X, escreveu inúmeros livros e artigos sobre as questões epistemológicas da linguística, o discurso pedagógico, a língua e a psicanálise.

apresentado por Bally e Sechehaye, “esses desvios configuram-se para a pesquisadora como desafios para o desvendar do raciocínio de um grande linguista” (BRAIDA, PROCHNOW, BORTOLINI, 2013, p. 146). Ou seja, mesmo a autora tendo outras interpretações, não se pode negar a notoriedade de Ferdinand de Saussure desde sua época até nos dias atuais.

Cabe ressaltar que Claudine Normand tem uma visão enunciativa da língua, muito influenciada por Émile Benveniste (autor que será estudado no capítulo 2). Conforme a própria autora afirma, “Benveniste é o mais saussuriano dos linguistas, uma vez que permitiu resgatar a partir de Saussure uma linguística da significação” (NORMAND, 2006, p. 14). Portanto, a visão de língua e de Ferdinand de Saussure para Normand perpassa e se aproxima da visão de língua benvenistiana. Normand corrobora que foi Benveniste quem contribuiu na divulgação de Saussure, já que explicou o seu legado e foi muito além do que ele até então tinha estudado sobre linguística.

Um fato importante sobre a arbitrariedade do signo, apresentada por Saussure, é de que Benveniste afirma que a ligação existente entre um significado e um significante, ou, como ele chama, um nome e uma coisa, não é somente arbitrária, mas também necessária a todos os locutores para que a língua seja colocada em uso.

Benveniste foi aluno de Antonie Meillet, que, por sua vez, como destacado anteriormente, foi aluno de Ferdinand de Saussure. Portanto, com certeza, muito de Saussure chegou até Benveniste e muito do que Benveniste representou para a linguística tem raízes nos estudos do mestre genebrino, a diferença é que um não se tornou tão conhecido quanto o outro. Podemos dizer que Benveniste foi quem prosseguiu com o trabalho na corrente do comparatismo ao estruturalismo iniciado ainda em 1878, com Saussure.

Demos início, assim, aos estudos de Émile Benveniste, teórico que muito se aproxima de Saussure e de seu ponto de vista sobre a língua. Partiremos, então, para o próximo capítulo, para assim, aprofundarmos nossos estudos nesta área da linguística enunciativa.

3) O SIGNO E A LINGUÍSTICA PARA ÉMILE BENVENISTE

Neste capítulo, abordaremos estudos da Linguística da Enunciação segundo Émile Benveniste⁵ linguista que contribuiu muito com os estudos já deixados por Saussure, através de seus trabalhos de expansão e ultrapassagem da teoria saussuriana. Benveniste teve diversas influências na área linguística, mas queremos destacar uma em específico que se deu através de um curso ministrado por Antoine Meillet, como enunciado anteriormente, em 1918 (dois anos após a publicação do CLG).

Enquanto Saussure via o signo como um conjunto de um significado e um significante, Benveniste vai além e vê o signo no discurso, ou seja, na língua em uso. Por língua em uso, entende-se o conceito de Enunciação, criado por Benveniste, que é “este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 2006, p. 82). Em outras palavras, enunciação é utilizar a língua mobilizada na construção do aparelho da enunciação.

O linguista define, ainda, o objeto de estudo da enunciação: o texto enunciado. Benveniste usa as palavras ato (“ato individual de utilização”) e processo (“este grande processo pode ser estudado”), as quais nos fazem pensar melhor sobre o que ele quer dizer com isso. De acordo com Toldo (2018, p. 429), “ato diz respeito à relação do locutor com a língua, em dada situação comunicativa, esta sempre nova, única, singular, irrepetível;” enquanto o processo é “algo que se renova a cada instância de discurso, quando o aparelho da língua é colocado em funcionamento”. Assim, temos sempre a perspectiva da língua em uso.

Em relação às situações de uso/produção da enunciação, destacamos a diferença entre a enunciação falada e a enunciação escrita, uma vez que jamais reproduzimos o mesmo som da mesma maneira, nem que seja falado pelo mesmo sujeito. Os instrumentos para a realização da enunciação são os recursos linguísticos disponíveis. Em suma, consideraremos o que Benveniste diz sobre enunciação, que é “o próprio ato, as situações em que ele se realiza, os instrumentos de sua realização” (1989, p. 83). Mais uma vez, temos a língua em uso.

⁵ Ezra Benveniste nasceu em Alepo, na Síria, em 27 de março de 1902, e troca seu nome para Émile, como o conhecemos, em 1924, ano em que se naturaliza francês. Em 1966, Benveniste publica *Problemas de Linguística Geral*, obra até hoje muito estudada em todo o mundo. Émile Benveniste ficou conhecido por ter uma visão bem diferenciada da linguística que se conhecia até então, com sua abordagem enunciativa, ele dá início a visão estruturalista da língua. Conceitos de significação, referência, subjetividade e intersubjetividade tomam outras proporções.

Em relação à língua, a enunciação se define como um processo de apropriação, no qual o locutor se apropria de seu aparelho linguístico e faz jus a sua posição enunciando por meio de índices específicos e procedimentos acessórios. Neste momento de apropriação, o locutor assume a posição de *eu* e atinge um outro *eu* que é o ouvinte, dessa forma, precisa de um relação enunciativa de volta e, assim temos, para cada locutor, um co-locutor. Com essas relações necessárias entre locutores apropriados da faculdade da linguagem e da enunciação, percebemos o quanto este “tesouro virtual depositado no cérebro de cada falante” (CLG, 2012, p. 45), a língua, é importante para nossa existência como seres humanos dotados dessa faculdade da linguagem.

Tem-se, portanto, em Benveniste, o signo assumindo forma de uma palavra, revestida de uma particularidade que só tem sentido na frase. A unidade do discurso por excelência é a frase, e este é visto como a mobilização dos signos em determinada situação de comunicação e a língua é o instrumento para essa comunicação acontecer. Trata-se de uma linguística com raízes em Saussure, mas com uma marca autêntica de Benveniste,

Podemos pensar que Benveniste, mesmo tendo acesso apenas ao Curso de Linguística Geral, soube lê-lo com uma sensibilidade que o fez perceber a inovação e a singularidade do pensamento saussuriano, o que “permite resgatar a partir de Saussure uma linguística da significação” (NORMAND, 2007, p. 14), visão deixada de lado por uma leitura estruturalista do CLG (STUMPF, 2008, p. 3).

Os principais trabalhos que deixaram Benveniste conhecido foram suas contribuições nos estudos dos dois níveis de significação da língua: semiótico e semântico. Por isso, Benveniste é conhecido por ser o “Linguista da Significação”. Sua Teoria da Enunciação também é uma marca própria que o tornou conhecido, uma vez que foi Benveniste que criou esse conceito de apropriação da língua pelo falante, que coloca a língua em uso e assim, enuncia, conforme explicado acima. Abordaremos alguns textos dos livros Problemas de Linguística Geral I e Problemas de Linguística Geral II para introduzir a visão crítica deste linguista que é tão essencial nesta área do conhecimento. Destacamos que os artigos que compõem o PLG I e o II são independentes e não estabelecem uma ordem cronológica ou de publicação. São textos que organizam de tal maneira – e não outra – os PLGs. Ler Benveniste e estudá-lo exige uma organização e um posicionamento peculiar e individual, caracterizando assim a pesquisa e o olhar que temos de sua obra.

3.1) A natureza do signo linguístico

Benveniste retoma o conceito de signo apresentado por Saussure e se detêm, com maior empenho, a estudar o princípio da arbitrariedade apresentado no CLG. O linguista afirma que todo trabalho embasado nesta ciência deve abranger o arbitrário do signo, toda afirmação feita sobre ele começa neste princípio, portanto, não seria diferente com seu estudo.

Assim dizem os editores do CLG:

A ideia de ‘mar’ não está ligada por relação alguma interior à sequência de sons *m-a-r* que lhe serve de significante; poderia ser representada igualmente bem por outra sequência, não importa qual; como prova, temos as diferenças entre as línguas e a própria existência de línguas diferentes: o significado da palavra francesa *boeuf* (‘boi’) tem por significante *b-ö-f* de uma lado da fronteira franco-germânica, e *o-k-s* (*Ochs*) do outro (CLG, 2012, p. 108).

Porém, um fator causa grande estranheza para Benveniste: o exemplo dado no CLG de que *o-k-s* e *b-ö-f*, mesmo sendo signos de língua diferentes, se aplicam a mesma realidade, o *boi*. Com isso, Benveniste nos mostra um terceiro elemento presente nesta relação:

Está claro que o raciocínio é falseado pelo recurso inconsciente e sub-reptício a um terceiro termo, que não estava compreendido na definição inicial. Este terceiro termo é a própria realidade. (...) Quando fala da diferença entre *b-ö-f* e *o-k-s*, refere-se, contra a vontade, ao fato de que esses dois termos se aplicam à mesma *realidade*. Eis aí, pois, a *coisa*, a princípio expressamente excluída da definição de signo, e que nela se introduz por um desvio e aí instala para sempre a contradição (BENVENISTE, 2005, p. 54).

Ou seja, como podemos dizer que um signo de uma língua corresponde igualmente a outro signo de outra língua, se quando falamos em diferentes idiomas temos implícitas diferentes realidades? Essa foi, provavelmente, a questão que fez com que Benveniste nos apresentasse esse terceiro elemento, para podermos perceber que a realidade está, sim, presente na relação arbitrária entre o significado e o significante. Portanto, não podemos dizer que um signo de uma língua, uma realidade, é igualmente comparado a seu correspondente em outra língua, pois lá há outra realidade.

Sabemos que o laço que une o significado a um significante é imotivado pois não possui nenhuma relação natural com a realidade. Contudo, Benveniste vai além desse dito e afirma que esse laço não é apenas arbitrário, mas sim, necessário. Uma vez que

O conceito (‘significado’) ‘boi’ é forçosamente idêntico na minha consciência ao conjunto fônico ‘significante’ *boi*. Como poderia ser diferente? Juntos os dois foram impressos no meu espírito; juntos evocam-se mutuamente em

qualquer circunstância. Há entre os dois uma simbiose tão estreita que o conceito ‘boi’ é como que a alma da imagem acústica *boi* (BENVENISTE, 2005, p. 55-56).

Podemos dizer, visto esse exemplo, que os dois lados (significante e significado) “se compõem juntos como o incorporante e o incorporado” (BENVENISTE, 2005, p. 56) e, ainda, que “essa consubstancialidade do significante e do significado garante a unidade estrutural do signo linguístico” (BENVENISTE, 2005, p. 56). Ou seja, o significante e o significado são as duas faces que compõem uma única noção: a de signo linguístico. A língua, conceituada por Benveniste, é, então, um sistema de signos necessariamente portadores de sentido.

Benveniste faz uma reflexão sobre os outros signos presentes na nossa vida, não apenas o linguístico, mas os visuais, olfativos, enfim, todos aqueles presentes em nossas culturas. De fato, todos os signos da vida social nos são impostos, vejamos os exemplos: na Europa e na América, a cor utilizada para representar o sentimento de luto é a cor preta, já na China, a cor utilizada nesses momentos é branca; no oriente, as pessoas costumam se organizar diariamente pelo lado direito, seja em escadas, na calçada ou na rua, assim como os carros se organizam aqui no Brasil; no Canadá e em outros países, as pessoas seguem a risca o costume de fazer filas para esperar o transporte público, cada um, conforme o horário que chegou, tem a preferência para entrar no ônibus, enquanto no Brasil, podemos usar a expressão convencionalizada “quem pode mais, chora menos”, pois não há qualquer tipo de organização (e as vezes, nem de respeito) nas filas de transporte público.

Percebemos, com essa reflexão, que tudo gira em torno de convenções sociais: sejam os signos linguísticos, afinal, uma palavra nova só é aceita como tal quando determinado grupo de falantes a utiliza; sejam os outros signos da vida social, uma vez que, no Brasil, por exemplo, ver alguém usando preto em alguma cerimônia que remeta à paz seria considerado um desaforo. Ou seja, de nada adianta sair por aí inventando palavras ou costumes sem que eles sejam compartilhados e entendidos por uma determinada comunidade de pessoas, pois as convenções que temos são assim por que não são de outra forma, nos foram impostas desde que nascemos em dada sociedade, por isso é que são arbitrárias, imotivadas, impostas.

No que tange aos limites dessa arbitrariedade, apontamos que “o que é arbitrário é que um signo, mas não outro, se aplica a determinado elemento da realidade, mas não a outro” (BENVENISTE, 2005, p. 56). Então, o que há entre a língua e a realidade é o próprio signo, não podemos falar “cadeira” nos referindo a uma mesa e esperar que nossos interlocutores

entendam, isso quer dizer que o signo “cadeira” é arbitrário porque faz referência a uma cadeira, e não a uma mesa.

Depois de tudo isso, precisamos mostrar outro conceito de Saussure que não se encaixa na concepção de signo para Benveniste: o valor. Para Saussure, o valor é definido pela oposição entre os signos (conforme explicado no capítulo 1). Porém, se Benveniste vê o signo não somente como algo estrutural, mas sim, o signo no discurso, abrangendo a realidade em que se insere, não se trata mais de uma questão de oposição, pois esse signo agora possui sentido. O valor, portanto, fica no signo para Saussure. O signo de Benveniste é uma entidade carregada de sentidos observados no discurso. Explicaremos isso na próxima seção.

3.2) Os níveis da análise linguística

No que diz respeito a esta seção intitulada “os níveis da análise linguística”, assim como o texto escrito por Émile Benveniste em 1966, destacamos, inicialmente, que a língua admite três níveis de análise: fraseológico ou sintático (frases ou enunciados inteiros), morfológico (morfemas) e fonológico (fonemas). Começaremos apresentando dois conceitos chave para esta reflexão dos níveis de análise: *articulação* e *discreto*.

A primeira característica a ser abordada se refere à natureza articulada da linguagem, onde entende-se por “articulada”: a junção de elementos linguísticos; a forma de articular a língua em um determinado período de tempo; a capacidade de ser constituída em partes; a possibilidade de divisão de um enunciado nas partes que o compõem, por exemplo, vale destacar que essa divisão é feita por meio de uma análise linguística. A linguagem humana possui uma dupla articulação: a primeira diz respeito aos morfemas e a segunda, aos fonemas (também chamados traços distintivos ou merismas). Os morfemas são as menores unidades linguísticas possuidoras de significado, encontram-se no plano de conteúdo e estabelecem-se em relação a sua oposição com outros morfemas. Os merismas são as unidades mínimas do plano de expressão, não possuem significados por si próprios, mas combinando-se, formam os morfemas. Trata-se do valor distintivo entre os signos.

O segundo aspecto se refere ao caráter discreto dos elementos da língua. Entende-se, aqui, discreto como distintivo, ou seja, trata-se da diferença entre os elementos linguísticos. Cada traço distintivo se junta a outro(s) na cadeia da fala sem perder a sua individualidade.

Temos aqui o fator determinante para a possibilidade de combinações na língua. É a dupla articulação da linguagem juntamente com o caráter discreto dos elementos linguísticos os responsáveis pela economia linguística, isto é, a possibilidade de uso de um mesmo fonema, por exemplo, na formação de diferentes morfemas, apenas alterando sua ordem.

Para fazermos uma análise completa dos elementos da língua, precisamos delimitar, também, as relações que os unem. Essa investigação demanda sabermos de duas operações: a segmentação e a substituição.

O eixo da segmentação diz respeito a decomposição de um todo (um enunciado, uma frase) em pedaços, nas partes que o constituem, até chegarmos a elementos menores, na unidade mínima decomponível, os fonemas, ou a unidades indecomponíveis, os merismas. Tem relação com o sintagma, onde percebemos a combinação de um elemento com os outros, presentes ao mesmo tempo em um mesmo enunciado. Por exemplo: a decomposição do signo casa em fonemas: /k/ /a/ /z/ /a/.

O eixo da substituição se refere a troca de um elemento linguístico. Dentro de um sintagma sempre há a possibilidade de substituir um elemento linguístico por outro, mesmo que essa modificação altere o sentido, uma vez que não existem perfeitas sinonímias. Tem relação com o paradigma, já que diz respeito a um elemento com outros mutuamente substituíveis. Por exemplo: os fonemas *g* e *p*, nestes enunciados: meu *gato* ficou doente / meu *pato* ficou doente.

Já que mostramos a relação da segmentação com o sintagma e da substituição com o paradigma, vale a pena fazermos mais algumas colocações para destacar suas proximidades. O sintagma diz respeito a um ou mais elementos que se combinam, através de um processo de escolha realizado por cada indivíduo. Porém, para podermos combinar, precisamos, antes, segmentar, fracionar; um elemento de relaciona com outro dentro da cadeia sintagmática, que é demonstrada pela segmentação: daí a relação de sintagma com segmentação.

De outro lado, a substituição está no paradigma, já que cada indivíduo falante possui seu próprio paradigma, suas próprias “caixinhas” de palavras virtuais, de acordo com as vivências e experiências de cada um, por isso dizemos que esse número de palavras inseridas em nosso cérebro é limitado, e por isso é que a língua só está completa no todo, e não em cada indivíduo. Essas palavras, por sua vez, é que podem ser substituídas por outras em nossa memória virtual; daí a relação de paradigma com substituição.

Ainda que tenhamos três níveis de análise da língua (a frase, os morfemas e os fonemas) e que todos os elementos podem ser analisados pela segmentação ou pela substituição, vale sublinhar que nem todos os elementos são passíveis de todas as formas de análise. Temos alguns suscetíveis a serem segmentados e substituídos, os fonemas, e temos outros aptos somente para serem substituídos, os traços distintivos.

Por fim, para obterem status linguístico, é imprescindível que todas as unidades de todos os níveis da língua tenham sentido. Isso serve para tudo que exemplificamos até agora, afinal, “o fonema só tem valor como discriminador de signos linguísticos, e o traço distintivo, por sua vez, como discriminador dos fonemas” (BENVENISTE, 2005, p. 130), ou seja, cada unidade linguística possui seu valor na diferença, na oposição com as outras unidades da língua, se não fosse assim, nada faria sentido na língua, posto que um signo, uma palavra, um elemento é o que os outros não são.

A noção de nível é fundamental para compreendermos o sentido de que trata Benveniste, uma vez que

Segmentação e substituição só podem ser aplicadas quando uma *unidade particular* é referida ao nível superior que a contém. Vê-se, então, que a noção de *nível* não é algo externo à análise: ele “está *na* análise; o nível é um operador” (PLG I:131) (FLORES, 2013, p. 131).

Ou seja, o mais importante é que o elemento possa ser referido a um nível superior. É por isso que o sentido é a condição linguística fundamental da análise de Benveniste: não se pode descer mais sem se perder o sentido; algo menor que o merisma é a pura fonação, não há sentido (FLORES, 2013, p. 131).

Assim sendo, sentido, para Benveniste, é dado como “a possibilidade de referência ao nível superior, o que ele chamará mais adiante de integração” (FLORES, 2013, p. 131). Portanto, as noções de níveis são essenciais para entendermos as reflexões benvenistianas, bem como o sentido, que pode ser definido como a relação de um elemento com outro elemento no nível superior da análise.

Se o menor nível de análise linguística é o merisma, o maior é o da frase:

A frase é entendida por Benveniste, neste momento, como um todo constituído por palavras, um limite superior caracterizado por ter elementos que o constituem – as palavras – sem ser ela própria um elemento que possa estar referido a outro nível (FLORES, 2013, p. 132).

Para analisarmos os níveis linguísticos e “pularmos” de um para outro, valendo-se dos que podem ser substituídos e/ou segmentados e da ideia de que o merisma é do nível inferior e a frase, o nível superior, é preciso deixar claro duas outras noções: as relações distributivas e as integrativas. Todas essas relações e mudanças ocasionam diferenças na forma e no sentido da unidade original. Assim, “pelo fato de serem discretas, as entidades linguísticas admitem duas espécies de relação: entre elementos de mesmo nível ou entre elementos de níveis diferentes” (BENVENISTE, 2005, p. 133). Esclareceremos cada uma a seguir:

As relações distribucionais dizem respeito à maneira como cada língua distribui suas partes e acontecem entre unidades de mesmo nível linguístico que se combinam, é o estudo dos elementos no interior de seu próprio nível, ou seja, fonema com fonema, morfema com morfema, e assim por diante.

As relações integrativas dizem respeito elementos linguísticos pertencentes a níveis diferentes que se juntam para a formar novos. Esses elementos se relacionam no discurso, por isso, não são vistos isolados um do outro, e sim, em um conjunto. É o caso da junção de dois morfemas para formar uma palavra, como *des + motivado = desmotivado*, ou de um artigo com um substantivo para formar uma frase, como *o + gato + é + bonito = o gato é bonito*.

Porém, Benveniste se pergunta: qual é o alcance dessa divisão de constituinte e integrante no sistema da língua? Como já tratado, esse alcance acontece entre dois limites, um inferior e um superior,

O limite superior é traçado pela frase, que comporta constituintes, mas que, como adiante se mostra, não pode integrar nenhuma unidade mais alta. O limite inferior é o do ‘merisma’ que, traço distintivo do fonema, não comporta ele próprio nenhum constituinte de natureza linguística. A frase só se define, portanto, pelos seus constituintes; o merisma só se define como integrante. Entre esses dois, destaca-se claramente um nível intermediário, o dos signos (...) que ao mesmo tempo contêm constituintes e funcionam como integrantes (BENVENISTE, 2005, p. 134).

No que tange à forma e ao sentido, Benveniste nos explica que a forma diz respeito a “capacidade de dissociar-se em constituintes de nível inferior” (BENVENISTE, 2005, p. 135) e o sentido é definido como “sua capacidade de integrar uma unidade de nível superior” (BENVENISTE, 2005, p. 136). Isso quer dizer que quando decompomos uma frase nas palavras que a compõe, chegamos à sua forma; já quando juntamos palavras para formar frases, alcançamos o sentido. Vale lembrar que a forma e o sentido implicam uma na outra, estão sempre juntas. Temos, a partir de agora, dois sentidos para a palavra “sentido”:

- a) sentido como elemento diferente de forma, referindo-se à capacidade de uma unidade linguística integrar um nível superior;
- b) sentido como relação entre um texto e o mundo, a relação com a realidade, elemento “implícito, inerente ao sistema linguístico e suas partes” (BENVENISTE, 2005, p. 137). Resposta à pergunta “qual é o sentido?”.

Nesta mesma linha de divisão e caracterização, também temos dois sentidos para a palavra “frase”. Antes de separá-las, faremos algumas observações. Benveniste afirma que:

A frase, criação indefinida, variedade sem limite, é a própria vida da linguagem em ação. Concluimos que se deixa com a frase o domínio da língua como sistema de signos e se entra num outro universo, o da língua como instrumento de comunicação, cuja expressão é o discurso (BENVENISTE, 2005, p. 139).

A frase se diferencia das outras unidades linguísticas por “não constituir uma classe de unidades distintivas, que seriam membros virtuais de unidades superiores, como o são os fonemas ou os morfemas” (BENVENISTE, 2005, p. 138). Por isso, ao mesmo tempo em que a frase é constituída de signos, ela, tomada em si própria, também é um signo.

Os fonemas, os morfemas, as palavras (lexemas) podem contar-se; existem em número finito. As frases, não.

Os fonemas, os morfemas, as palavras (lexemas) têm uma distribuição no seu nível respectivo, um emprego no nível superior. As frases não têm nem distribuição nem emprego.

Um inventário dos empregos de uma palavra poderia não acabar; um inventário dos empregos de uma frase não poderia nem mesmo começar (BENVENISTE, 2005, p. 139).

Chega-se então ao duplo sentido de “frase”:

- a) tomada no aspecto formal, é o maior nível de análise linguística, é segmentável, mas não substituível;
- b) tomada por seu sentido, “é a unidade do discurso” (BENVENISTE, 2005, p. 139), em outras palavras, a frase é o próprio discurso.

Para concluir, reforçamos a importância que a frase tem para a vida da linguagem, afinal, “é no discurso atualizado em frases que a língua se forma e se configura. Aí começa a linguagem” (BENVENISTE, 2005, p. 140). Aqui aparece a importância da frase também para a enunciação, uma vez que o discurso é a própria língua em uso, a apropriação da língua pelo

sujeito falante. Passemos à reflexão que nos motiva a realizar este estudo: o sentido, definido pela forma e o sentido da/na língua.

3.3) A forma e o sentido na linguagem

Caracterizado por Flores como “um dos textos mais difíceis do autor” (FLORES, 2013, p. 136), *a forma e o sentido na linguagem* é o texto-chave para nosso estudo pois é nele que encontramos a definição do modo semântico e do modo semiótico da língua. Passemos então a seu estudo.

Benveniste deixa claro, neste artigo, que tratará da linguagem comum, e não da linguagem poética, uma vez que esta possui funções e regras próprias, mas que, mesmo assim, o estudo apresentado serviria para a compreensão das “duas linguagens”.

Iniciamos citando as palavras de Flores, que retoma o que diz Benveniste sobre a forma e sobre o sentido da língua:

O sentido é um “conjunto de procedimentos de comunicação identicamente compreendidos por um conjunto de locutores” (PLG II: 222); a forma é “ou a matéria dos elementos linguísticos quando o sentido é excluído ou o arranjo formal destes elementos no nível linguístico ao qual ele tange” (PLG II ed. fr., p. 217). Benveniste se distancia dessas noções. E o motivo é simples: elas constituem, nessa interpretação comum, uma mera oposição. Para Benveniste, forma e sentido não se opõem; essa antítese, se reinterpretada no funcionamento da língua, é o ser mesmo da linguagem, pois ela “coloca no centro do problema mais importante, o problema da significação” (PLG II: 222) (FLORES, 2013, p. 137).

Segue-se, portanto, que Benveniste não trata a forma e o sentido como uma relação de oposição, mas sim, entende que é nessa relação que se obtém “o ser mesmo da linguagem” (BENVENISTE, 2006, p. 222), já que é na linguagem que se apresenta a significação, e é através da forma e do sentido que chegamos nela. O caráter primeiro da linguagem é o de significar, bem como de explicar as funções diversas de nossa vida. Como se pode imaginar, seria inviável citar todas as funções às quais a linguagem ocupa, por isso, Benveniste resume com uma frase digna de muitos outros pensamentos: “bem antes de servir para comunicar, a linguagem serve para *viver*” (BENVENISTE, 2006, p. 222). Sem a linguagem não haveria ser humano constituído como sujeito, não haveria sociedade e, ousamos aqui dizer que, não haveria vida.

Em seguida, a questão norteadora passa a ser: o que é, então, a significação? Benveniste deixa nítida a separação do entendimento de significação para os linguistas e para os lógicos, para os quais, segundo Flores, “a significação será sempre algo tomado no campo da aceitabilidade de predicções” (FLORES, 2013, p. 138). Para os linguistas, portanto, a “atividade significativa por excelência” (BENVENISTE, 2006, p. 223) é a linguagem. Entende-se aqui, que “todo e qualquer modelo significativo que possamos construir será aceito na medida em que se parecer em tal ou tal de seus aspectos àquele da linguagem” (BENVENISTE, 2006, p. 223), ou seja, a significação é a linguagem como um todo, não apenas a língua, que é parte dela.

Dito isso, tem-se que a significação é parte inerente da linguagem, é de sua natureza, assim como a linguagem é da natureza do homem, e não um instrumento. “Falar de instrumento, é pôr em oposição o homem e a natureza. A picareta, a flecha, a roda não estão na natureza. São fabricações. A linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou” (BENVENISTE, 2005, p. 285). Dessarte, tanto a significação para a linguagem quanto a linguagem para o humano são constituintes, e não apenas uma parte ou um acréscimo de outra.

Benveniste parte da noção de língua como um sistema de signos apresentada por Saussure, mas deixa claro que vai adiante disso, afinal, “quando Saussure introduziu a ideia de signo linguístico, ele pensava ter dito tudo sobre a natureza da língua; não parece ter visto que ela podia ser outra coisa ao mesmo tempo” (BENVENISTE, 2006, p. 224). Com isso, Benveniste quer dizer que viu, na língua, outras duas possibilidades de análise e interpretação. O limite das unidades da língua é a significação, afinal, tudo que existe nela possui também uma significação. Esse limite se dá entre duas fronteiras: de um lado, o domínio semiótico, e de outro, o domínio semântico. Nesta perspectiva, o signo é composto através de duas noções: “a de signo enquanto unidade e a noção de signo como dependente da ordem semiótica” (BENVENISTE, 2006, p. 224). Explicaremos cada perspectiva adiante.

3.3.1) A forma e o sentido a partir do modo semiótico

O primeiro princípio da dupla significância da língua a ser abordado é o modo semiótico. Iniciaremos caracterizando-o, conforme nos ensina Benveniste:

O semiótico designa o modo de significação que é próprio do SIGNO linguístico e que o constitui como unidade. Pode-se, para efeito de análise,

considerar separadamente as duas faces do signo, mas, sob a relação de significância, ele é uma unidade, e se conserva como unidade (BENVENISTE, 2006, p. 64-65, grifos do autor).

Todo o estudo semiótico, em sentido estrito, consistirá em identificar as unidades, em descrever suas marcas distintivas e em descobrir os critérios *cada vez mais sutis* da distintividade. Desta forma, cada signo será chamado a afirmar sempre e com maior clareza sua própria significância no seio de uma constelação ou em meio ao conjunto de signos (BENVENISTE, 2006, p. 65, grifos do autor).

Dizendo de outra forma, o modo semiótico diz respeito ao próprio signo, conforme já o conhecíamos em Saussure. Como unidade de duas faces, o signo é caracterizado por uma forma e por um sentido. No que tange ao primeiro aspecto, Benveniste associa-o ao significante, que é o aspecto formal dessa unidade, o signo. Para definirmos o sentido, precisamos lembrar que Benveniste tem o signo como uma unidade já em uso, como os signos no discurso, portanto, o sentido é a face significado, sendo esse o uso que os falantes o fazem.

O semiótico não se vale da relação dos signos com a realidade, não considera a relação da língua com o mundo, atrevemo-nos relacionar o semiótico como o signo de Saussure, aquela unidade composta de duas faces e que tem, no sistema, a capacidade de significar. “Os signos estão ligados entre si segundo relações paradigmáticas, substitutivas” (FLORES, 2013, p. 140). Então, o que vale aqui é sempre a relação de oposição, que tem como resposta sim ou não, não existe meio termo.

Portanto, o modo semiótico tem como unidade o signo, como forma o significante e como sentido o significado. Temos aqui as relações de oposição entre um signo e outro nas relações sintagmáticas.

3.3.2) A forma e o sentido a partir do modo semântico

O segundo princípio da dupla significância da língua a ser abordado é o modo semântico. Benveniste, antes de caracterizá-lo, faz uma reflexão sobre a função comunicativa da frase, que é a “expressão semântica por excelência” (BENVENISTE, 2006, p. 229), “afinal, é assim que nos comunicamos: por frases, mesmo que truncadas, embrionárias, incompletas, mas sempre por frases” (BENVENISTE, 2006, p. 228). Aqui está um ponto importante para entendermos esse modo de significação, a frase aqui é vista como um conjunto de palavras usadas no discurso

de cada sujeito, é vista como a enunciação, e não somente como um dos três níveis de análise da língua, como vimos anteriormente.

O teórico assim caracteriza esse modo, explicando a função da língua nessa perspectiva semântica:

Com o semântico entramos no modo específico de significância que é engendrado pelo DISCURSO. Os problemas que aqui se colocam são função da língua como produtora de mensagens. Ora, a mensagem não se reduz a uma sucessão de unidades que devem ser identificadas separadamente; não é uma adição de signos que produz o sentido, é, ao contrário, o sentido (o ‘intencionado’), concebido globalmente, que se realiza e se divide em ‘signos’ particulares, que são as PALAVRAS (BENVENISTE, 2006, p. 65, grifos do autor).

Ou seja, o domínio semântico é o próprio discurso, a língua em uso pelos falantes, a língua utilizada em sua função primordial de comunicar. Dessa forma, é levado em conta a realidade em que uma palavra está inserida, o contexto enunciativo do emprego da língua em determinada situação.

Quanto à definição da unidade do modo semântico, Benveniste afirma que é a palavra, que é integrante de um sintagma, que por sua vez é expressado pela frase. A forma, portanto, é o sintagma, já que é através dele que a língua se realiza. Para entendermos o sentido precisamos lembrar da explicação anterior sobre os dois sentidos da palavra *sentido*, aqui nos referimos ao segundo, à ideia que um enunciado exprime, o seu contexto e a relação da palavra com a realidade em que se insere, portanto, podemos dizer que o sentido é o sentido da frase.

Temos, então, que: o modo semântico tem como unidade o discurso, como forma a palavra e como sentido, a frase.

3.3.3) As diferenças entre os modos semiótico e semântico

Como (quase) tudo que vimos sobre linguística até agora é determinado por sua oposição a outros elementos, não poderia ser diferente com os modos de significância da língua. Determinaremos agora, a fim de esclarecer e separar ainda mais cada um dos domínios, o que faz com que cada um se defina em oposição ao outro.

O semântico toma necessariamente a seu encargo o conjunto de referentes, enquanto que o semiótico é, por princípio, separado e independente de toda

referência. A ordem semântica se identifica no mundo da enunciação e ao universo do discurso (BENVENISTE, 2006, p. 66).

O semiótico (o signo) deve ser RECONHECIDO; o semântico (o discurso) deve ser COMPREENDIDO. A diferença entre reconhecer e compreender envia a duas faculdades distintas do espírito a de perceber a identidade entre o anterior e o atual, de uma parte, e a de perceber a significação de uma enunciação nova, de outra (BENVENISTE, 2006, p. 66, grifos do autor).

Queremos dar um destaque no ponto reconhecido versus compreendido. Ora, se o modo semiótico é o próprio signo, como dissemos, é preciso identificar este signo, com seu significado e seu significante, defini-lo em oposição aos termos que o precedem e o antecedem e, obviamente, reconhecê-lo no nível em que se insere. Aqui, o processo de reconhecimento é intralinguístico, precisamos olhar “para dentro” da língua, com seus níveis de análise, oposição, composição e decomposição.

Por outro lado, se o modo semântico é a língua em uso, o processo vai além de reconhecer a palavra, agora não mais apenas signo, no nível em que está encaixada. É preciso entender o contexto do “aqui e agora”, como usamos na linguística, em que ela está inserida, a oposição que pode ter com outras palavras, com outros significados e outros sentidos daquela realidade primeira. O processo de compreensão da palavra na realidade é muito mais extralinguístico, pois leva em conta o universo amplo da inserção da palavra.

Esses processos de reconhecimento e compreensão nos ajudam a definir o limite (se é que há limite estabelecido) entre semiótico e semântico bem como onde queremos chegar com esse estudo: a principal diferença entre os modos de significância da língua, relacionada à possibilidade ou não de tradução. Conforme Benveniste:

Pode-se transpor o semantismo de uma língua para o de uma outra, ‘salva veritate’; é a possibilidade da tradução; mas não se pode transpor o semiotismo de uma língua para o de uma outra; é a impossibilidade da tradução. Atinge-se aqui a diferença entre o semiótico e semântico (BENVENISTE, 2006, p. 233).

Portanto, esta é a maior diferença entre os domínios de significância da língua: o modo semântico pode ser traduzido, transposto, adaptado a outra realidade idiomática. O modo semiótico é a impossibilidade de tradução, uma vez que não existe meio de transpor um signo de uma realidade a outra, por diversos fatores, conforme já ilustrado neste trabalho.

Esta capacidade de ter uma dupla significação é exclusiva da língua (vista como parte da linguagem), nenhum outro sistema de signos possui essa característica. Temos, nos outros

sistemas, apenas a presença do semiótico ou apenas a presença do semântico, mas nunca, vale frisar, há a presença dos dois. Vejamos:

A língua é o único sistema em que a significação se articula assim em duas dimensões. Os outros sistemas têm uma significância unidimensional: ou semiótica (gestos de cortesia; *mudrās*), sem semântica; ou semântica (expressões artísticas) sem semiótica (BENVENISTE, 2006, p. 66).

As reflexões que trazemos até aqui dizem respeito a um percurso que traçamos para chegar ao estudo de formas da língua que “adquirem” sentidos no uso em que se realizam, em diferentes línguas. Trazer à cena o signo linguístico, o conceito de língua – objeto de estudo da linguística –, suas faces, o Curso de Linguística Geral, seus leitores e críticos, suas “novas” perspectivas, seus avanços justificam-se pela análise que propomos no próximo capítulo. A língua em uso, tomando seus constituintes (signos), como formas que se atualizam a cada enunciação e produzem diferentes e sempre novos sentidos.

Para a linguista Claudine Normand, é com essa teoria da dupla significação que Benveniste ultrapassa Saussure:

Aqui Benveniste separa-se, sem o declarar, de Saussure. Ele nos diz que se trata somente de “ir além” no estudo da significação; na realidade, pode-se pensar que ele vai a outro lugar: retorno a uma fenomenologia que um estruturalismo metodológico não tinha recorberto, abertura para descrições integrando traços da subjetividade nos enunciados e sua presença ativa em toda a enunciação (NORMAND, 2006, p. 19).

É, então, no capítulo intitulado *a forma e o sentido da linguagem*, escrito em 1966, que ocorre a maior transcendência de Benveniste sobre Saussure. Quando falamos em ultrapassagem, precisamos lembrar que não estamos deixando a teoria saussuriana de lado, afinal, foi ela que deu início à linguística que conhecemos hoje e Benveniste não abandona essa língua “na sua matéria significante, em suas estruturas comuns, no seu aparelho ‘semiótico’” (NORMAND, 2006, p. 19). O que nos ensina Benveniste é que devemos “conciliar esse gesto saussuriano com a singularidade subjetiva, com a comunicação sempre situada, com o ‘acontecimento inebriante’ que é todo enunciado” (NORMAND, 2006, p. 19). Ou seja, precisamos nos apropriar dessa língua enquanto estrutura, mas conciliá-la subjetivamente com a língua em uso, a comunicação por meio da enunciação.

Por fim, para ressaltar o que dissemos no início deste capítulo, trazemos uma citação de Normand (2006, p. 19) que diz: “analisar ‘o semântico’: eis a aposta de Benveniste”. Benveniste é então, claramente, conhecido e reconhecido por ser o Linguista da Significação. Aquele que

vê a linguagem não só como forma essencial de comunicação entre os indivíduos, mas como uma essência de vida, afinal *a língua serve para viver!*

Tomando essa máxima, passemos a análise de algumas ocorrências – formas da língua – que quando em uso, em diferentes línguas, nos apresentam uma realidade de possibilidade/impossibilidade de “tradução”, ou seja: a possibilidade de encontrar um sentido para tal termo em dado contexto enunciado e a (im)possibilidade de encontrar um termo “exato” para traduzi-lo em diferentes situações discursivas, inclusive em diferentes línguas. À análise.

4) ANÁLISE DE PALAVRAS EM DIFERENTES LÍNGUAS QUE POSSUEM DIFERENTES SENTIDOS QUANDO TRADUZIDAS

Os capítulos anteriores tiveram o objetivo de fazer um recorte dentro dos estudos linguísticos em um conceito de língua, signo e aquilo que é importante para o Curso de Linguística Geral, revisitado e estudado por Benveniste, que traz uma dimensão enunciativa de tratar e estudar a língua, enquanto sistema de signos, propondo uma perspectiva de ver o emprego das formas e o emprego da língua. O objetivo da análise, neste momento, é olharmos o uso dessas formas linguísticas no discurso através de uma perspectiva enunciativa para que assim, possamos ilustrar a teoria apresentada de uma maneira clara e bem exemplificada.

Este capítulo está organizado, metodologicamente, nas seguintes partes: 1) análise de algumas palavras pré-selecionadas das línguas inglesa, espanhola e italiana, a fim de observar: a) palavras da língua estrangeira sem correspondentes da língua portuguesa; b) um conjunto de palavras na língua estrangeira que correspondem a um só termo na língua portuguesa; c) palavras na língua portuguesa sem termo correspondente na língua estrangeira ou, resumidamente, palavras que, quando traduzidas semanticamente, perdem seu sentido original; 2) análise dessas questões feita pelo viés da linguística da enunciação, tomando os conceitos trabalhados nos capítulos teóricos deste trabalho, observando forma e sentido dos usos encontrados; 3) ao final, faremos uma breve discussão sobre o que encontramos.

Iniciemos, então, com termos da língua inglesa.

4.1) Língua Inglesa

Brainstorm é uma palavra que, se tentarmos traduzir, significaria algo como “levantar/juntar/pensar em ideias/hipóteses/sugestões”, porém nos parece significar muito mais que isso, é algo como “tempestade, chuva de ideias”, ou seja, o termo se refere a pensar em várias sugestões, que vêm quase que ao mesmo tempo em nossa mente, para a solução de algum problema. Se procurarmos na internet, encontraremos até o termo “tempestade cerebral” para seu correspondente. Sua utilização se dá em situações em que um grupo de pessoas precisa tomar alguma decisão sobre algum assunto, por exemplo: estamos em uma reunião de professores e estamos criando eventos para promover a escola neste ano. Então todos nós “*brainstorm*” ideias de atividades: festa de são joão, cinema na escola, brincadeiras de dia da criança, uma festa do pijama etc e todas as ideias são aceitas, pois há justamente a necessidade

de diferentes sugestões. Em suma, não temos uma única palavra que equivalha a *brainstorm*, em português.

Temos também a situação inversa: palavras em português, semanticamente sem tradução para o inglês. É o caso da palavra saudade, pois, usando uma perspectiva sintática, o termo que mais se aproxima de seu sentido é *miss*, que é um verbo, enquanto saudade é substantivo. A tradução mais frequente que temos de *miss* seria “sentir falta”, até porque, como *miss* é um verbo, nós traduziríamos “*I miss you*” como “eu sinto falta de você” ou “eu sinto sua falta”, mas seria incabível algo como “eu ‘saudado’ você”, já que saudade é substantivo e não temos como conjugar. Destacamos que *miss* também pode ser usado na perspectiva semântica de se atrasar e perder algo que já passou ou que precisamos pegar, como o ônibus, por exemplo (*I missed the bus* – Eu perdi o ônibus).

Portanto, mesmo que a expressão sentir falta se aproxime do sentido de saudade, elas não possuem o mesmo nível semântico, pois saudade tem somente um sentido, que traz consigo um sentimento de perda, falta, nostalgia, tristeza, distância, apreço, melancolia, enfim, é uma mistura de todos esses sentimentos, o que não pode ser exprimido apenas como sentir falta. Além do mais, podemos sentir saudades de qualquer coisa: de uma pessoa, de um lugar, um objeto, de experiências, viagens, cheiros, comidas... E esse termo é tão utilizado (e poderíamos ousar em dizer que é exclusivo) em nosso país, que é uma das palavras mais presentes nas poesias de amor e na música popular brasileira.

Em outro caso, temos palavras diferentes na língua inglesa que equivalem a um só termo na língua portuguesa. Por exemplo: em português, aquele que dá aula, independente de série e grau, é um professor; já em inglês, temos uma diferenciação: quem dá aula em ensino básico é *teacher*, já quem dá aula em nível universitário, é *professor*. Um outro exemplo é para a palavra piscar, a qual usamos em português quando abrimos e fechamos rapidamente um ou dois olhos. Em inglês, quando piscamos somente com um olho, usamos *wink*, e quando piscamos com os dois olhos, *blink*.

Nesta mesma linha de pensamento, trazemos como exemplo o termo porco, tanto o animal quanto a carne dele usada em refeições. Nós, falantes de português usamos o signo linguístico porco para os dois sentidos da palavra, portanto o colocamos em oposição com outras duas categorias: a primeira, dos animais, onde porco é diferente de galinha, vaca e boi; e a segunda, das carnes, portanto porco é diferente de carne de peixe, de carne de vaca ou carne de galinha. Por outro lado, em inglês, chamamos o porco (animal) de *pig*, e sua carne, usada na

cozinha, de *pork*. Dessa forma, *pig* se opõe a outros animais, enquanto *pork* se diferencia de outras carnes. Cada um desses signos, com seus valores exclusivos, se define pela oposição a outros, todavia, o sentido que temos em português é “duplo” (animal e carne) enquanto no inglês, *pig* (animal) e *pork* (carne de porco) estão, cada um, em uma perspectiva semântica diferente. Assim também teríamos: vaca, o animal e a carne, que em inglês possui uma diferença entre *cow* (animal) e *beef* (carne); carneiro, em inglês, *sheep* (animal) e *mutton* (carne); entre outros. O que queremos deixar explicitado aqui é que os sentidos das palavras não são iguais, bem como os valores que cada palavra carrega, então não é correto dizer que uma palavra equivale/significa a mesma coisa que a outra, como muitos professores de línguas reproduzem em salas de aula.

Podemos também ressaltar aqui as palavras em inglês que são traduzidas para o português, porém o sentido que elas trazem não são os mesmos. É o caso de *highlighter*, que é, no português, o marca texto. Porém, se separarmos *highlighter* nas duas palavras que o compõem, temos: *high*, que significa alto e *light* que tem uma das traduções como luz. Portanto teríamos o sentido de *highlighter* como um texto alto iluminado, enquanto em português temos o sentido de um texto marcado. O que queremos mostrar com essa situação é que sim, a palavra *highlighter* literalmente equivale a marca texto, há uma relação de sentido entre o significado das duas, porém, dizer que os níveis semiótico e semântico delas é também literalmente igual é um equívoco muito grande, já que cada uma possui um sentido próprio, diferente da outra, e já que é impossível traduzirmos o nível semiótico.

Por fim, temos as inúmeras palavras da língua inglesa já incorporadas na língua portuguesa. É o caso de *Internet*, *outdoor*, *video game*, *design*, *shorts*, *bacon*, *layout*, *ticket*, *trailer*, *blazer*, *fax*, *e-mail*, *online*, *flash*, *drive-thru*, e se continuarmos, esta lista é enorme. Mas, será que todas essas palavras estrangeiras foram incorporadas em nosso dia a dia com o mesmo sentido que as originais?

Seria difícil generalizar e dizer que todas essas possuem valores diferentes, portanto, vejamos alguns exemplos. Se pensarmos na palavra *outdoor*, logo nos vem em mente um anúncio em um cartaz ou painel luminoso (ou não), de tamanho muito grande para ser visível de longe, geralmente à beira de avenidas, estradas ou rodovias. Porém, em inglês, ou seja, na sua realidade original, a palavra utilizada para definir esse anúncio de grande extensão à beira de vias urbanas é *billboard*. Temos também, o termo *notebook*, que é o computador portátil, com tamanho parecido ao de um livro e com uma tela que fecha junto ao teclado. Na verdade, na língua inglesa, *notebook* significa caderno, livro de anotações, o que faz muito mais

sentido, já que está na família das palavras com *book*: *book* (livro), *student's book* (livro do aluno) e *workbook* (livro de temas de casa). Enquanto o computador portátil é chamado de *laptop*, que também faz mais sentido, já que *lap* significa colo, ou seja, a área entre nosso quadril e nossos joelhos, e *top* significa topo, em cima, no alto. Portanto, *laptop* é o computador portátil que usamos sobre nosso colo, sobre nossas pernas.

4.2) Língua Espanhola⁶

O verbo *querer*, no espanhol, possui um sentido muito diferente de seu equivalente, *querer*, em português. Podemos ter vários sentidos para este verbo, alguns sinônimos⁷ seriam: ter vontade, desejar, pretender, exigir, ordenar, adorar, consentir, necessitar etc. Destacamos um sentido em específico, o de querer alguém ou a alguém.

Imaginemos a seguinte situação: um casal está andando na rua e um dos dois olha para uma pessoa e diz para seu cônjuge que quer muito esta pessoa. O que pensaríamos? Que este “querer” revela desejo ou atração sexual, sem dúvidas. Porém, se este casal entender espanhol e um dos dois disser “*te quiero mucho*” para outra pessoa, saberemos que este querer apenas remete a alguém que apreciamos, que nos preocupamos muito e que temos uma relação afetiva, sem, necessariamente, ter atração sexual envolvida. Podemos dizer “*te quiero mucho*” para um aluno, um professor, um amigo, um colega ou uma pessoa de nosso convívio, alguém a quem queremos bem. Já “te quero muito” não soaria muito bem nesses casos. Talvez a melhor comparação/tradução de *queiro* ou *quiero mucho* para o português seria querer bem a algo ou a alguém, o que acaba sendo uma expressão, e não uma única palavra, provando que mobilizamos o nível semântico, mas não o semiótico da língua, uma vez que podemos traduzir, mesmo que não precisamente, o aspecto semântico de uma língua para outra. Apresentamos, até aqui, dificuldades com a correspondência do aspecto semiótico, uma vez que nem sempre temos termos/signos que podem ser traduzidos de uma língua para outra.

Outro exemplo é a palavra *sobremesa*. Em português, usamo-la para nos referir ao prato de doce(s) que comemos depois de uma refeição, seja ela almoço ou jantar. Ou seja, *sobremesa* é a comida que degustamos depois do prato principal, é o sagu, o creme, o pudim. Já em

⁶ Sabe-se que o espanhol é falado em vários países de diferentes continentes. Por questões de localização geográfica e convívio social dos brasileiros, o idioma analisado neste trabalho é o Espanhol Latino, falado nos países da América do Sul, e não o Espanhol Europeu, falado na Espanha.

⁷ Sabemos, de acordo com Ferdinand de Saussure, que não há sinonímia perfeita, porém, neste caso, tivemos de usar a palavra “sinônimos” para falar de palavras com sentidos equivalentes.

espanhol, *sobremesa* se refere apenas ao ato de permanecer na mesa depois de terminada a refeição, ou seja, é o momento que ocorre depois do almoço ou do jantar, passado com pessoas queridas, sem, necessariamente, essas pessoas estarem comendo algo doce.

Também temos, assim como apresentado sobre a língua inglesa, algumas palavras que possuem um único correspondente no português. É o caso, mais uma vez, de um animal: o que, para nós, é o frango assado, a carne de galinha, é chamado *pollo*; já a galinha somente enquanto animal, é chamada *gallina*. Outro exemplo é também relacionado ao professor: quem dá aula na educação infantil e fundamental I, ou seja, dá aula para crianças, é o *maestro*; já quem dá aula para adolescentes do fundamental II em diante, é o *profesor*.

Entrando no tópico das palavras sem tradução literal, gostaríamos de trazer três exemplos de incorporação de palavras de outros idiomas. O primeiro se refere à palavra buraco, que pode ser um furo pequeno (em uma roupa) ou uma espécie de fenda em uma rua, por exemplo, um buraco grande. Em espanhol temos a palavra *agujero*, que diz respeito a pequenos buracos, porém, não tínhamos uma palavra para se referir ao buraco grande, da rua até certo tempo atrás. Por isso, o espanhol aderiu a palavra portuguesa buraco e hoje temos *agujero* para pequeno buraco e *buraco* para buracos grandes, de estradas.

O segundo exemplo é a cor marrom escura, que não tinha tradução para o espanhol até a década de 80, aproximadamente, quando a língua incorporou o *marrón* do português. Por isso, hoje, temos *castaño* para nos referirmos ao cabelo castanho e para a cor marrom clara, e *marrón* para a cor marrom escura, que até então era um *castaño oscuro*.

A última palavra que queremos mostrar é saudade, que é quase exclusiva da língua portuguesa. Em espanhol, podemos dizer de três maneiras diferentes que sentimos a falta de alguém ou de algo: *te extraño mucho*, *tengo añoranza* ou *te echo de menos*. Porém, tanto o verbo *extrañar* quanto a expressão idiomática (locução verbal) *echar de menos* têm o sentido de sentir/notar a falta de algo ou alguém, desejo de estar com alguém e o substantivo *añoranza* tem o sentido de nostalgia, sentimento de perda. Sendo assim, faltava uma palavra para exprimir esse sentimento de nostalgia, alegria, dor, enfim, essa mistura de sentidos que só a palavra saudades carrega, foi aí que a língua espanhola latina aderiu, mais uma vez, a uma palavra portuguesa: *saudades*. Portanto, temos as expressões que já faziam parte do idioma, e temos a palavra *saudades* incluída da língua portuguesa.

Como vimos, a língua espanhola se apropriou de várias palavras do português e é claro que essa apropriação acontece até hoje e continuará acontecendo, visto que as línguas estão em constante transformação e atualização.

4.3) Língua Italiana

Voltando-nos, agora, para a língua italiana, gostaríamos de deixar mais alguns exemplos, a fim de mostrar que quando procuramos um equivalente de um termo de uma língua em outra, não conseguimos, nunca, traduzir o nível semiótico, e que isso acontece com todas as línguas, e não somente inglês e espanhol (que são para nós, brasileiros, as mais conhecidas). Nos deteremos a esses três idiomas por questões de tempo de pesquisa.

Temos, no italiano, a palavra *culaccino*⁸, que possui dois significados: um, que se refere a marca d'água deixada por um copo gelado/molhado em cima de uma mesa, por exemplo, ou aos restos de resíduos líquidos deixados em um copo; e outro, que diz respeito às extremidades de uma salsicha/salame de carne ou à parte inferior, junto ao caule, do pepino, que é geralmente jogada fora por ser muito amarga para nosso paladar. Seus dois significados não possuem correspondentes exatos na língua portuguesa, apenas essa descrição que mostramos.

Outra palavra que gostaríamos de apresentar é *gattara*, que se refere a uma mulher, geralmente idosa e solitária, que espontaneamente, mas com perseverança e empenho, nutre e cuida de gatos livres em contextos urbanos. É uma figura que carrega consigo, mesmo que inconscientemente, estereótipos negativos, como o da loucura. Em português, talvez poderíamos utilizar a expressão “cuidadora de gatos” como equivalente, porém esta não nos diz nada sobre a pessoa da cuidadora em si, e também não especifica quais são os gatos que ela cuida, o contrário da palavra em italiano (que se refere a uma pessoa do sexo feminino e idosa que cuida de gatos de rua, como vimos).

Outra palavra que gostaríamos de abordar aqui é *abbiocco*, que diz respeito a sensação de sonolência, estagnação ou dormência que sentimos depois de comer um almoço abundante/farto de alimentos. O que, para nós, teria como equivalente a sensação de fartura,

⁸ Devemos destacar que utilizamos esta palavra aqui como exemplo para a teoria que estamos trabalhando, porém não é muito comum nem muito utilizada nas comunidades linguísticas de que faz parte, portanto, não está totalmente inserida na língua em uso e inclusive falantes nativos podem não conhecê-la.

saciedade, as quais não tem relação explícita com a sensação de sono, logo, não possuem o mesmo sentido.

Por fim, para reforçar ainda mais o que já vimos com os dois outros idiomas citados, não temos, também em italiano, uma tradução para a palavra saudade. Na língua italiana podemos nos referir a esse sentimento como verbo, *mancare*, ou como substantivo, *mananza*. O “problema” é que esta palavra não possui toda a carga de sentidos que “saudade” possui. Podemos voltar aos exemplos anteriores, quando utilizamos os verbos “*miss*” e “*extrañar*”, que significam sentir falta, assim como *mancare*, que se refere também à falta, insuficiência, estar presente de forma escassa ou estar ausente. Outra associação é com nostalgia, porém, como no português, esta palavra se refere ao estado de espírito de desejo ou pesar melancólico do que está longe ou já ocorreu, ou seja, uma certa “saudade” de algo que, provavelmente, não mais voltará ou acontecerá. Portanto, de fato, a palavra saudade com o nível semântico que ela representa, somente nós, brasileiros, temos (entre os idiomas aqui analisados).

Traremos para exemplo aqui uma expressão: *colpo di fulmine*. Se separarmos os elementos que a compõe, temos *colpo* e *fulmine*, que significam, respectivamente, golpe/tiro e relâmpago, o que não faria sentido semântico algum na mesma expressão, como mostramos. Estamos, então, diante de uma metáfora, que, para os falantes de italiano, significa amor à primeira vista ou ainda, flechada do cupido. Também pode ser comparada a outra expressão, “*amore a primma vista*”, mas claro, as duas possuem pesos semânticos diferentes e são utilizadas em contextos diferentes, sendo distinguíveis apenas por falantes desta língua.

Essas análises, mesmo que breves e não tão aprofundadas, mostram que as palavras têm sentido próprio em cada uso em que se realizam, ocorrem. Isso (im)possibilita fazermos a “transposição exata” de um termo – numa língua – para outro termo – em outra língua. Isso evidencia a não possibilidade da tradução do nível semiótico de uma língua para outra; apenas o semântico que se constrói, irrepeticamente, a cada enunciação.

5) CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo apresentado possibilitou estabelecermos e esclarecermos as relações que unem e separam Saussure de Benveniste e suas teorias estruturalista e enunciativa, respectivamente. Entendemos que Benveniste redireciona seu olhar para além do que Saussure havia nos apresentado, baseando-se em na teoria saussuriana, mas apresentando novos elementos que contribuíram para inúmeros estudos posteriores.

Tivemos como reflexão inicial a base de qualquer estudo linguístico: o signo de Ferdinand de Saussure. Em seguida, pudemos abordar linguistas que concordam ou discordam dessa teoria, e apresentam seus estudos e suas reflexões acerca da língua. Este primeiro capítulo foi, portanto, uma recapitulação, para os que já dominam esta ciência, e uma apresentação desta grande área para os que ainda não estavam familiarizados com os termos apresentados.

Com os estudos de Benveniste, pudemos ver o sensível olhar do linguista sobre a língua, com uma frase que, sem dúvidas, vale a pena ser lembrada: “bem antes de servir para comunicar, a linguagem serve para viver” (BENVENISTE, 2006, p. 222). Com a apresentação dos estudos da significação e seus dois níveis, semiótico e semântico, pudemos distinguir cada um e aprofundar nossos conhecimentos obtidos com Saussure.

Também com a leitura de Benveniste, pudemos responder as perguntas que deram início e nos nortearam até o fim desta pesquisa. Vimos, então, que mobilizamos os níveis semiótico e semântico da língua quando traduzimos um termo de uma língua para outra, também aprendemos que é impossível traduzirmos o nível semiótico das palavras e que, mesmo o nível semântico sendo “adaptado” para outra realidade linguística, não existe uma tradução literal, afinal, um termo de uma língua se aplica a uma realidade, enquanto um termo equivalente se aplica a outra realidade, não podendo, nunca, serem traspostos de uma realidade à outra. Com esse processo de tradução/transposição, entramos em uma esfera que vai além da língua, vimos que o exercício da tradução engloba a cultura, a geografia e outros fatores extralinguísticos fora de nosso alcance. Por isso, o que traduzimos, mesmo que não com igual peso, é o sentido de uma palavra/expressão, é o nível semântico.

A análise contempla todo o estudo feito até então, é nela que entendemos o que Saussure e Benveniste diziam, na teoria. Detivemo-nos a três idiomas por motivo de tempo que tivemos para nos dedicarmos a esta monografia, mas pretendemos, no futuro, aprofundar esta análise e mostrar exemplos de outros idiomas. Afinal, como dissemos, toda essa teoria se aplica a

qualquer sistema linguístico, independente de idioma, e esperamos ter deixado isso claro com os termos escolhidos e analisados das línguas portuguesa, inglesa, espanhola e italiana.

Conforme mostramos na introdução deste trabalho, pretendemos compartilhá-lo com outros professores de línguas, principalmente aqueles sem acesso a teorias linguísticas. Esperamos que, depois de feito este estudo e esta análise, pudemos deixar claro o equívoco que cometemos quando dizemos que um termo em uma língua é a mesma coisa que outro termo, em outra língua.

Este estudo foi de grande relevância para a autora, que se sentiu amparada ao ler e aprender que o que sempre achava estranho, era, de fato, estranho. Qualquer indivíduo, no processo de aquisição de uma segunda ou terceira língua, percebe que as palavras não possuem o mesmo sentido e que, às vezes, é obrigado a usar uma palavra estrangeira para contemplar o que quer transmitir, visto que não se encontra em seu paradigma materno o sentido que se quer usar naquele determinado momento.

Esperamos que este estudo seja somente um início para estudos futuros. O tema é de grande interesse da autora, que é professora de língua inglesa. Ainda temos muitos textos para lermos e, assim, aperfeiçoaremos mais as teorias linguísticas, abordando, quem sabe, o fenômeno da tradução e a visão da Linguística sobre ela, bem como aprofundando nossa análise, ampliando os idiomas pesquisados e fazendo uma análise com termos de diferentes sentidos dentro da própria língua materna.

6) REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral I*. 5. ed. Campinas: Pontes, 2005;
- BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral II*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2006;
- BOUQUET, S. De um pseudo-Saussure aos textos saussurianos originais. *Letras & Letras*, Uberlândia, v. 25, n. 1, p. 161-175, jan. 2009;
- BRAIDA, F. C.; PROCHNOW, A. L. C.; BORTOLINI, A. S. B. Leituras da noção saussuriana de valor: abordagem de dois pontos de vista. *Nonada: Letras em Revista*, Porto Alegre, v. 1, n. 20, p. 139-151, mai. 2013;
- DA CUNHA, R. B. A relação significante e significado em Saussure. *ReVEL*, Novo Hamburgo, v. 6, n. 2, nov. 2008;
- DOS SANTOS, A. N.; CHISHMAN, R. L. DE O. Do conceito de signo ao princípio do valor linguístico: ensaio sobre a dimensão do significado na teoria saussuriana da linguagem. *Domínios de Linguagem*, Uberlândia, v. 9, n. 1, p. 241-252, 15 jul. 2015;
- FLORES, V. N. *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2013;
- FLORES, V. N.; BARBISAN, L. B. Sobre Saussure, Benveniste e outras histórias da linguística. In: NORMAND, C. *Convite à Linguística*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2009. p. 7-22.
- NORMAND, C. Saussure-Benveniste. *Letras*, Santa Maria, v. 2, n. 33, p. 13-21, dez. 2006;
- SAUSSURE, F. D. *Curso de linguística geral*. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012;
- STUMPF, E. Saussure e Benveniste: ultrapassagem ou rompimento? In: CELSUL, 8, 2008, UFRGS. *Anais...* Porto Alegre: 2008;
- TOLDO, C. O aparelho formal da enunciação: que aparelho é este? *Desenredo*, Passo Fundo, v. 14, n. 3, p. 424-434, dez. 2018;